



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba



PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

ADRIANA CAVALCANTE CARVALHO MENDES PEREIRA

**LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: O CORDEL NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS**

**GUARABIRA - PB
2025**

ADRIANA CAVALCANTE CARVALHO MENDES PEREIRA

LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: O CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como exigência para obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436I Pereira, Adriana Cavalcante Carvalho Mendes.

Letramento literário na sala de aula [manuscrito] : o cordel na educação de jovens e adultos / Adriana Cavalcante Carvalho Mendes Pereira. - 2025.

102 f. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em rede nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras - CH".

1. Cordel. 2. Leitura literária. 3. Educação de jovens e adultos. I. Título

21. ed. CDD 372.414

ADRIANA CAVALCANTE CARVALHO MENDES PEREIRA

LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: O CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS

Linha de Pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino.

Aprovada em: 30/04/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rosângela Neres Araujo da Silva** (***.646.354-**), em **28/05/2025 22:07:51** com chave **57ad491e3c2911f09f942618257239a1**.
- **Luciane Alves Santos** (***.343.948-**), em **29/05/2025 08:50:12** com chave **1424aab63c8311f0893506adb0a3afce**.
- **Marcílio Garcia de Queiroga** (***.606.974-**), em **28/05/2025 23:07:32** com chave **aea649fc3c3111f0949606adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 29/05/2025

Código de Autenticação: cba290



Somos criaturas leitoras, ingerimos palavras, somos feitos de palavras, sabemos que palavras são nossos meios de estar no mundo, e é através das palavras que identificamos nossa realidade e por meio de palavras somos, nós mesmos, identificados.

Alberto Manguel

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: O cordel trabalhado na pesquisa.....	45
---	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA OFICINA	48
QUADRO 2 – ORGANIZAÇÃO DA SEGUNDA OFICINA.	49
QUADRO 3 – ORGANIZAÇÃO DA TERCEIRA OFICINA.	50
QUADRO 4 – ORGANIZAÇÃO DA QUARTA OFICINA.	52

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	52
Imagem 2	53
Imagem 3	53
Imagem 4	54
Imagem 5	55
Imagem 6	56
Imagem 7	57
Imagem 8	58
Imagem 9	59
Imagem 10	60

AGRADECIMENTO

A Deus e a Nossa Senhora, pela oportunidade de participar do Profletras, curso que mudou a minha atuação como educadora e auxiliou-me a crescer profissionalmente.

A minha mãe, que sempre foi minha referência e fonte de força, uma verdadeira batalhadora que sempre esteve ao meu lado, me apoiando incondicionalmente.

Ao meu marido Jandy, pela cumplicidade, apoio contínuo e por ser meu maior incentivador.

Aos meus filhos e à minha neta, pela compreensão em relação à minha ausência enquanto me dedicava aos estudos.

Aos amigos do Profletras, irmãos que dividiram angústias, conquistas e muito aprendizado, os quais irei levar para a vida toda no coração.

A minha orientadora, professora Rosângela Neres, pelo cuidado e respeito com que acompanha nossos trabalhos e por me ajudar a alcançar o tão desejado título de Mestra.

Aos meus alunos, pois sem eles eu não teria sido capaz de desenvolver este trabalho, além de serem a minha fonte de motivação para a contínua busca pelo aprimoramento.

Por fim, agradeço a todos que, de maneira direta ou indireta, participaram da conclusão deste trabalho.

RESUMO

A Literatura de Cordel, com sua riqueza linguística e cultural, tem se mostrado um instrumento no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Diante da necessidade de desenvolver competências literárias e estimular a participação ativa dos alunos, esta pesquisa propõe investigar o uso do cordel como metodologia de ensino, tomando como referência a obra *A Pedra do Meio-Dia*, de Bráulio Tavares. Ao integrar elementos da cultura popular ao ambiente escolar, pretende-se não apenas fomentar o hábito da leitura, mas também incentivar a interpretação crítica e a construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, o estudo busca compreender de que maneira a literatura de cordel pode contribuir para a formação de leitores reflexivos, capazes de relacionar os temas abordados nos textos com suas vivências e o contexto social em que estão inseridos. Além disso, visa refletir sobre a aplicação dessa metodologia no processo de ensino-aprendizagem de alunos do Ciclo III da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O embasamento teórico está fundamentado nos estudos de Cosson (2022), Soares (2014), Galvão (2001), Viana (2010), Freire (2011), Pinheiro e Marinho (2001), Haurélio (2013), Oliveira (2021), Tardif (2002), DePietri (2009), Ribeiro (2001), entre outros. A pesquisa-ação, de caráter qualitativo, foi realizada por meio de observações, aplicação de questionários e intervenções propostas por oficinas de leitura e escrita. O estudo foi conduzido em uma escola pública municipal de Guarabira–PB, com alunos da turma do Ciclo III da EJA. Através dessa prática, foi possível identificar como a literatura de cordel pode estimular interações e aumentar a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, promovendo a leitura literária e auxiliando na construção e interpretação do conhecimento.

Palavras-chave: Cordel. Leitura literária. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Cordel Literature, with its linguistic and cultural richness, has proven to be a powerful tool in the teaching-learning process, especially in the context of Youth and Adult Education (EJA). Given the need to develop literary skills and encourage students' active participation, this research proposes to investigate the use of cordel as a teaching methodology, taking as a reference the work *A Pedra do Meio-Dia*, by Bráulio Tavares. By integrating elements of popular culture into the school environment, the aim is not only to foster the habit of reading, but also to encourage critical interpretation and the collective construction of knowledge. In this way, the study seeks to understand how cordel literature can contribute to the formation of reflective readers, capable of relating the themes addressed in the texts to their experiences and the social context in which they are inserted. In addition, it aims to reflect on the application of this methodology in the teaching-learning process of students in Cycle III of Youth and Adult Education (EJA). The theoretical basis is based on studies by Cosson (2022), Soares (2014), Galvão (2001), Viana (2010), Freire (2011), Pinheiro and Marinho (2001), Haurélio (2013), Oliveira (2021), Tardif (2002), DePietri (2009), Ribeiro (2001), among others. The qualitative action research was carried out through observations, questionnaires, and interventions proposed by reading and writing workshops. The study was conducted in a public school in Guarabira, Paraíba, with students from Cycle III of EJA. Through this practice, it was possible to identify how cordel literature can stimulate interactions and increase the active participation of students in the teaching-learning process, promoting literary reading and assisting in the construction and interpretation of knowledge.

Keywords: Cordel. Literary reading. Youth and Adult Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. LEITURA, LETRAMENTO(S) E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	13
2.1 Leitura na escola	13
2.2 Letramento literário na Educação de Jovens e Adultos	22
2.4 O GÊNERO CORDEL: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS.....	31
2.4.1 O que é o cordel.....	31
2.4.2 Como e quando o cordel vai à escola.....	34
2.4.3 Os cordéis contemplados na pesquisa.....	38
2.4.4 De autoria de Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza.....	39
2.4.5 De autoria de Braulio Tavares.....	40
3. METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	42
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	42
3.2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	43
3.3 PERFIL DOS PARTICIPANTES	44
3.4 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA LITERÁRIO	45
3.5 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	46
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICES	67
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL.....	67
QUESTIONÁRIO DE DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E PERFIL SOCIOCULTURAL.....	67
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL CADERNO DIDÁTICO- PEDAGÓGICO DE LETRAMENTO LITERÁRIO.....	70
APÊNDICE C – MATERIAL DIDÁTICO UTILIZADO.....	80

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um campo educacional que, ao longo dos anos, tem desafiado os docentes a adaptarem suas práticas pedagógicas para atender às especificidades dos alunos, cujas experiências de vida e saberes adquiridos ao longo do tempo influenciam diretamente o processo de aprendizagem. A experiência da pesquisadora desta dissertação, de mais de vinte anos como professora do Ensino Fundamental e os últimos três anos atuando diretamente nas turmas da EJA, revela que um dos maiores desafios enfrentados é despertar o interesse dos alunos pela leitura literária.

Esse desafio é acentuado pela diversidade de níveis de aprendizagem presentes nessas turmas e pela complexidade do contexto social e cultural dos discentes. Muitas vezes, as práticas de leitura limitam-se a leituras descontextualizadas, que não contribuem para o gosto pela leitura nem para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Nos últimos anos, observamos, nas turmas do Ciclo III da EJA, que o letramento literário é frequentemente abordado de maneira superficial. As leituras realizadas, muitas vezes, não geram um vínculo significativo com os alunos e os materiais didáticos utilizados, em muitos casos, não favorecem a compreensão do conteúdo.

Em alguns momentos, os conteúdos são simplificados de forma excessiva, o que impede uma reflexão mais significativa sobre os textos; em outros, são apresentados de maneira complexa demais, dificultando o entendimento dos alunos. Esse distanciamento entre os alunos e o conteúdo literário compromete o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação, essenciais para o letramento crítico e literário, o que, conseqüentemente, contribui para a evasão escolar, tornando a escola um local de difícil pertencimento para muitos alunos.

Esses desafios nos levam a refletir sobre como, enquanto docentes da EJA, podemos promover o desenvolvimento das habilidades leitoras, de forma crítica e reflexiva, e estimular o gosto pela leitura literária. O questionamento norteador dessa pesquisa é, então, como envolver os alunos no processo de letramento crítico, fazendo com que se tornem leitores mais proficientes e questionadores?

Para responder essa inquietação, desenvolvemos a pesquisa-ação, de caráter qualitativo, que visa analisar como o uso do cordel pode contribuir para o letramento literário de estudantes da Educação de Jovens e Adultos, promovendo o

desenvolvimento da leitura crítica, da valorização da cultura popular e da expressão escrita. Bem como objetivos específicos: Investigar o impacto da literatura de cordel como recurso didático no processo de letramento literário de alunos da EJA; Explorar as percepções e experiências dos estudantes com o cordel, identificando o potencial dessa linguagem poética na construção de sentido e identidade cultural; Elaborar e aplicar sequências de atividades baseadas em cordéis, avaliando sua eficácia na promoção da leitura, da escrita e da interpretação de textos literários na EJA.

Considerando a importância de valorizar a bagagem de saberes dos alunos, entendemos que a aprendizagem de adultos deve respeitar seus conhecimentos prévios, tanto os adquiridos de modo formal, quanto os oriundos das vivências cotidianas. Dessa forma, a escola se torna um espaço de pertencimento, onde as experiências de vida dos alunos são respeitadas e incorporadas ao processo de aprendizagem.

A escolha do gênero Cordel, dentro desse contexto, justifica-se por ser um gênero literário acessível e culturalmente relevante, que trata de temas sociais, históricos e culturais, de forma que boa parte deles lidam de forma lúdica e conscientizadora. O Cordel, com sua forte tradição oral e escrita, especialmente no Nordeste brasileiro, oferece uma oportunidade de aproximar os alunos da cultura e da história da região, proporcionando uma leitura mais prazerosa e acessível.

O uso do Cordel nas turmas da EJA, por meio de autores como Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza, além de Bráulio Tavares, permitiu trabalhar as questões sociais e culturais presentes nesse gênero, proporcionando aos alunos uma leitura crítica e reflexiva. Dentre os autores mencionados, a obra *A Pedra do Meio-dia*, de Bráulio Tavares (2022), foi escolhida por abordar questões contemporâneas e sociais de forma envolvente, a exemplo do deslocamento do papel do herói para a figura feminina, a quebra de paradigmas em relação à beleza e ao dinheiro, bem como os valores sociais, a coragem, a escuta e a empatia.

Para embasar o trabalho, nos apoiamos em alguns estudiosos que tratam do letramento literário e da educação de jovens e adultos, como Patrícia Rodrigues e Gustavo Lima (2021); Rildo Cosson (2014), Vanessa Souza da Silva (2011); Joseane Arruda Lima (2020); Paulo Freire (2020); Roxane Rojo (2009), Luiz Carlos Cagliari (2009); Maria Clara Cavalcanti (2016), que nos ajudam a entender melhor os desafios da alfabetização e do letramento. Também recorreremos aos estudos Arusha Kelly

Carvalho de Oliveira (2023); Graça Paulino (2009); Vanessa Souza da Silva (2011), que abordam como o Cordel pode ser uma ferramenta pedagógica importante. Além disso, embasam o texto as reflexões de Paulo Freire (2011) sobre a EJA nos ajudaram a compreender sobre a EJA nos ajudaram a compreender quais práticas pedagógicas podem ser mais eficazes nesse contexto.

O procedimento metodológico utilizado foi a oficina de leitura, com o objetivo de aprimorar o letramento literário e estimular a leitura crítica e reflexiva dos alunos do Ciclo III da EJA. Ao longo de 13 aulas, distribuídas em 04 oficinas, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar o gênero Cordel, explorando sua estrutura poética, a linguagem específica dos folhetos e até mesmo se envolvendo em atividades artísticas, como a xilogravura adaptada para a sala de aula, no formato isogravura¹. Ao final das atividades, promovemos um sarau, onde os alunos leram as estrofes de Cordel e apresentaram suas próprias isogravuras, tudo isso inspirado nos temas que discutidos durante as oficinas.

Dessa forma, a dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro, "Leitura, Escrita e Letramento", versa sobre as práticas de leitura e escrita nas escolas, com foco na EJA, e refletir sobre os desafios do letramento literário para esse público. O segundo capítulo, "O Gênero Cordel: Origem e Características", explicita o que é o Cordel, suas origens e características, além de falar sobre os autores e obras que vamos trabalhar, como Arievaldo Viana, Zé Maria de Fortaleza e Braúlio Tavares. O terceiro capítulo, "Metodologia e Descrição da Proposta de Intervenção Pedagógica", detalha como a pesquisa foi realizada, com foco na metodologia de pesquisa-ação e nas etapas da proposta pedagógica. Também vamos falar um pouco sobre o perfil dos alunos e o contexto em que a intervenção aconteceu. O quarto capítulo, "Resultados e Discussões", apresenta os resultados da pesquisa, refletindo sobre como os alunos reagiram às atividades propostas e como o Cordel contribuiu para o desenvolvimento do letramento literário e crítico. Por fim, o quinto capítulo, "Considerações Finais", faz um resumo dos principais aspectos da pesquisa, discutindo o impacto das atividades e sugerindo possíveis caminhos para futuras pesquisas. Nos apêndices, adicionamos os materiais utilizados na pesquisa e na intervenção, fornecemos o caderno pedagógico, esperando contribuir para a prática com o cordel de outros educadores.

¹ Consiste em reproduzir imagens numa base de isopor, pintá-las com tinta e depois "carimbar" em papel. HERSKOVITS, Anico. Xilogravura: Arte e Técnica. 1 ed. Porto Alegre: Tchê!, 1986.

2. LEITURA, LETRAMENTO(S) E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Neste capítulo, tratamos da leitura e dos letramentos, sua relevância para o desenvolvimento e formação dos discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como estabelecemos a escola e a sociedade neste procedimento.

2.1 Leitura na escola

Lajolo aponta que “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à proporção que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida” (Lajolo, 2008, p. 7). É presumível o posicionamento da autora de que a leitura se faz presente na escola, todavia também na “escola da vida”.

Visto que a todo o momento estamos realizando leituras, sejam elas de obras escritas, de textos ficcionais, sejam leituras de indivíduos e de lugares, desde um sinal mais delicado, ou inclusive, de um simples olhar, a leitura se faz presente em nosso dia a dia. Logo, “como fonte de prazer e de conhecimento, a leitura não esgota sua função de atração nos estreitos círculos da escola” (Lajolo, 2008, p. 7). Essa concepção de leitura também é retratada em um poema de Ricardo Azevedo (apud Cavalcanti, 2016, s/p): “A leitura é muito mais Do que decifrar palavras Quem quiser pagar pra ver Pode até se surpreender: Vai ler nas folhas do chão, Se é outono ou verão; [...]”.

Os conceitos de que a leitura abarca os inúmeros aspectos do dia a dia estão contemplados nas menções dos autores citados. A leitura vai além da decodificação das letras e são necessários mecanismos para a compreensão e interpretação para refletirmos sobre a vida com profundidade e significado. Nesse sentido, Martins (2007) compreende a leitura do seguinte modo:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, compreendemos o calor e o conforto de um berço variavelmente das mesmas impressões geradas pelos braços afetuosos que nos enlaçam. A luz exagerada nos irrita, enquanto a escuridão sossega. O som estridente ou um grito nos espantam, mas a música de ninar acondiciona nosso sono. Um nível áspero desagradado, no entanto, o contato macio de mãos ou de um tecido como que se associam à

nossa pele. E o cheiro do peito e a palpitação de quem nos amamentam ou abraça podem ser apelos à satisfação ou ao repulso. Damos início assim à compreensão, a dar significado ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros caminhar para aprender a ler (Martins, 2007, p. 10).

A leitura nos acompanha desde pequenos, mas, com o tempo, muitos se afastam dela. Isso nos leva a pensar por que, mesmo começando a ler de forma tão natural, acabamos perdendo essa conexão? São vários os fatores que contribuem para isso. A falta de incentivo à leitura, tanto em casa quanto na escola, a escolha de textos que não despertam o interesse e a correria do dia a dia, que nos deixa sem tempo para ler, são alguns dos principais motivos, alegados pelos alunos. Além disso, a pressão acadêmica por exames acaba afastando a leitura do prazer e do contato pessoal. Por isso, é essencial que o professor encontre mecanismos de mediação que retomem o prazer da leitura, especialmente com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, muitas vezes, têm um contato mais difícil de se reconectarem com a leitura.

Cavalcanti (2016) faz uma comparação interessante ao dizer que formar leitores é como cultivar um jardim. Ele afirma que “na arte de promover a leitura, devemos agir como jardineiros cuidadosos”. Isso nos leva a uma reflexão: estamos sendo bons jardineiros? Muitas vezes ouvimos “meu aluno não lê!”, mas será que o problema não está no tipo de leitura que estamos propondo? Talvez ele não leia o que esperamos ou não se identifique com o que escolhemos. Por que forçar uma leitura que não faz sentido para ele? Por que ler só para cumprir regras ou passar atividades?

Para Émerson De Pietri (2009), nossa sociedade vê a leitura apenas como uma prática escolarizada, como se a escola fosse a única responsável por ensinar a ler. Mas ele defende que a leitura não deve ser vista dessa forma, uma vez que:

(...) uma pessoa pode aprender a ler sem ter ido a escola, ou, mesmo quem tenha aprendido a ler na escola, pode desenvolver habilidades de leitura diferentes daquelas que a escola lhe apresentou, e ler textos pertencentes a gêneros com os quais não teve contato em contexto escolar (De Pietri 2009, p. 11)

Nessa configuração, compreendendo a relevância da leitura para a construção do leitor é que nos indagamos: como se forma um leitor? É necessário ler. E como estimular a prática de leitura para quem confessa “não sentir prazer de ler livros”? É necessário criar meios estratégicos para entenderem que a leitura, de diversos

gêneros, pode ser também muito atraente, divertida e prazerosa. Acerca disso, Renata Junqueira Souza (2010) destaca que:

A criança desenvolve-se leitora, ao formar seu saber acerca do texto e leitura, segundo as atividades que lhe são designadas pelo intermediário no percurso do processo de planejar, organizar e efetivar atividades de leitura literária [...], no entanto, sem uma compreensão de leitura voltada a essas finalidades, não se constituem os embasamentos orientadores para a construção do leitor (Souza, *et al.*, 2010, p. 54)

Segundo o que foi descrito por Souza (2010), a construção do leitor está também coadunada às estratégias mencionadas, no caso aqui citado, pela professora, para que a leitura tenha significado ao leitor. Além disso, aparece à analogia às maneiras como a literatura é lida e trabalhada na escola.

Apesar de alguns discentes afirmarem e declararem não gostar de ler e/ou não ter prazer em ler, eles constantemente leem mensagens nas redes sociais, as mais variadas possíveis. Nesse viés, compreendemos que o papel da escola é mostrar que a leitura realizada em sala de aula também é prazerosa e que tem potencial para despertar reflexões e conexões com a vida.

Em uma definição acerca de sua vivência como aluno e em seguida como professor, Freire (2005) faz a seguinte menção:

Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a definição do objeto, contudo entender o seu significado profundo. Somente apreendendo-a seriam capazes de saber, haja vista, de memorizá-la, de atê-la. A memorização mecânica da definição do elo não se estabelece em conhecimento do objeto. Por essa razão, é que a leitura de um texto, tomado como pura apresentação de um objeto é feita no aspecto de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, conseqüentemente procede ao conhecimento do objeto de que o texto descreve (Freire, 2005, s/p.).

É imprescindível distinguir entre memorização superficial e compreensão crítica. Portanto, para que uma leitura obtenha um conhecimento significativo e adequado é necessário que ela não seja um simples ato de decodificação sem significado ou contexto. É necessário que vá além disso, buscando assim conexões e a aplicação do conhecimento de maneira relevante.

A leitura, embora seja cobrada nos exames com base em seu desempenho e habilidades, precisa ser uma ponte para a vida, quanto aos alunos da EJA, para que verdadeiramente seja presenciada por eles como um baluarte para a vida, tanto

pessoal, quanto profissional. A leitura é, portanto, essencial na formação do ser humano, adequando a criticidade, a propriedade da linguagem e em implicação, uma boa formação em todos os campos de conhecimento.

Assim sendo, como existem aqueles que quando entram na escola já têm uma vivência de leitura, há ainda os que principiam essa prática quando dão início à escolarização.

Conforme Silva e Martins (2010, p. 26), “grande porção da população brasileira aprende a ler na escola e tem promoção às principais leituras também nessa conjuntura.” Em virtude disso, a escola é um instituto de letramento muito relevante. Contudo, “defendem que as práticas necessitam ser pensadas, organizadas e sistematizadas”, admitindo, sobretudo a divulgação da prática de ensino da leitura e da escrita.

Para os discentes da EJA a leitura oferece possibilidades para refletir acerca dos diversos pontos de vista, entender concepções e encontrar novos sentidos. Ao interpretar os textos, os leitores podem relacionar o conteúdo a suas próprias vidas e com questões sociais mais amplas.

Conforme De Pietri (2009, p. 33),

Os textos, literários ou não, ao adentrarem em sala de aula, advêm por uma metodologia de apropriação didática. Isso implica dizer que eles são decodificados na escola de maneiras distintas de como são lidas fora da escola.

Ou seja, a leitura na escola, comumente é observada como obrigação e, quem sabe essa carga de obrigatoriedade é que faz com que ela seja renunciada por muitos estudantes, levando-os a experiências negativas e frustrantes.

Silva e Martins (2010) alegam que:

O efeito diante da inexorabilidade do período pedagógico faz prevalecer o costume e a classificação das atividades, em virtude de uma urgência em se exercer conteúdos escolares, que, seguramente, são bastante salientes. Porém como dar conta da instrução desses conteúdos, assegurando a leitura no aspecto de prática histórica e cultural? (Silva e Martins, 2010, p. 27).

Nesse íterim, a grade de conteúdos e assuntos a ser cumprida, na maior parte das vezes permite que a leitura seja empregada somente como agente (Lajolo, 1988), para trabalhar a gramática, por exemplo, o que não é totalmente uma incorreção, desde que não se faça somente dessa forma. Nesse sentido, a fragmentação do texto

literário “é um recurso muito empregado pelos livros didáticos como tática para viabilizar o trabalho e estímulo de leitura em sala de aula. Isso ocorre mesmo quando a temática em voga é o ensino de literatura” (De Pietri, 2009, p. 40).

Apesar desse modo fragmentado em que os textos literários são mostrados aos estudantes no livro didático, necessitamos desenvolver práticas que instiguem, cada vez mais, o interesse deles pela leitura literária, seja ela por fruição, prazer, encanto ou informação.

Contudo, o que se cobra do professor em relação ao cumprimento do programa, do cronograma, ignorando a importância da aprendizagem dos alunos, é realmente um desafio. Porém, não nos afasta de contemplar as várias leituras que o mundo nos oferece, em vários aspectos. Zilberman (2008) apresenta um pensamento interessante acerca da leitura dos textos literários.

A leitura do texto literário estabelece uma prática sintetizadora, admitindo ao sujeito penetrar a esfera da alteridade sem perder a percepção de sua subjetividade e história. O leitor não perde suas próprias grandezas, contudo desenvolve os alcances do conhecido, que submerge por meio da imaginação e decifra através do intelecto. Haja vista, abordar-se também de uma atividade bastante completa, de modo raro substituído por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm sua expressão aumentada, quando contrapostas às experiências prestadas pelo texto, de forma que o leitor tem a tendência a se enriquecer graças ao seu consumo (Zilberman, 2008, p. 17).

Desse modo, as práticas e exercícios de leitura e escrita se conectam com parte da vida dos indivíduos, no que se refere ao ser social; não há a probabilidade de desagregá-las da configuração social vivida dia após dia, seja numa ocupação simples e prosaica a uma mais trabalhada e formal. Em benefício de coadunar as práticas sociais linguísticas às escolarizadas, compete à escola permitir uma travessia pelas experiências que o aluno já apresenta de sua vivência de mundo cotidiano, com aquilo que a escola solicita instruir em seu aspecto formal, isto é, as práticas curriculares.

A capacidade linguística oferece o alicerce para uma leitura competente, assim como, a sua prática favorece e fortalece à compreensão da língua. Juntos esses aspectos são fundamentais para o desenvolvimento escolar e pessoal. Portanto, um estudo que considere tanto o ensino da língua quanto o da leitura é primordial para a promoção das habilidades de leitura e escrita mais eficazes.

Por meio das 4 (quatro) habilidades linguísticas retratadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), falar, escutar, ler e escrever, é o que promove interação do sujeito ao proporcionar um vínculo maior com as práticas linguageiras coloquiais e

com as escolares. Todo esse debate é retomado na Base Nacional Comum Curricular, em 2017, e verificado no Documento Curricular Referencial Nacional. De acordo com esse documento, a pesquisa do gênero literário se depara na configuração da área de Atuação Social e mais à frente no panorama do Campo Artístico- Literário.

O leque de possibilidades pelos quais o texto consente ao educador empregá-lo na educação e aprendizagem da língua acaba por observar todos os domínios comunicativos do sujeito, porquanto trabalhar com textos viabiliza o enfoque de recursos vigentes no texto a percepção ideológica, histórica e social. Para o entendimento de tais componentes textuais a intervenção do docente se torna indispensável, afinal de contas é uma das aptidões específicas expostas na BNCC, assim:

Contemplar esteticamente as mais variadas produções artísticas e culturais, analisando suas particularidades locais, regionais e globais, e movimentar seus conhecimentos acerca das linguagens artísticas para dar sentido e (re)construir produções autorais singulares e coletivas, de modo crítico e criativo, com consideração à diversidade de saberes, identidades e culturas Brasil/MEC, 2017, p. 482).

Faz-se imprescindível que as práticas escolares no que concerne ao procedimento de leitura e escrita adequem novas circunstâncias em ferramentas metodológicas e novas percepções para o uso de textos em sala de aula, uma vez que, ao se condicionar somente pautas composicionais dos gêneros textuais, emoldura-se seu papel primordial – a abrangência do leitor a partir da finalidade comunicativa do autor.

O entendimento textual, por conseguinte, parte de táticas empíricas do ser humano – no que concerne ao ser social e comunicativo – para uma assimilação mais metódica que será incorporada nas metodologias escolares, à proporção que o educando entende quais estratégias de leitura e escrita deve ativar para o entendimento de textos, assim como reflete acerca do uso dessas estratégias. Com a finalidade de que a escola considere sua função social, compete adequar-se às necessidades do educando, permitindo que acesse uma informação voltada para as práticas sociais de leitura e escrita.

De acordo com as experiências de colegas docentes de língua materna, ao longo dos anos, revelam-se que há uma grande dificuldade a ser solucionada: a dificuldade leitora dos educandos, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio. Quiçá, pudéssemos discorrer do enfrentamento que é a aquisição de resultados - de tal maneira em avaliações internas, quanto externas - e, sobretudo, a

comprovação de aprendizagem sólida em todas as disciplinas, não tão-somente em Língua Portuguesa. Desenvolver leitores aptos e proficientes nos mais distintos níveis e temáticas precisa ser nossa inquietação.

A desenvoltura leitora é um assunto permanente de debates nas nossas escolas e surge desde a formulação dos PCN, no tocante:

A leitura é um procedimento no qual o leitor alcança um trabalho funcional de desenvolvimento do sentido do texto, a partir das suas finalidades, do seu conhecimento acerca do assunto, sobre o autor, de tudo que compreende sobre a língua: propriedades do gênero, do portador, da regra de escrita etc. [...] Um leitor competente é aquela pessoa, por iniciativa própria, é apropriada de escolher, dentre os trechos que cercam socialmente, aqueles que podem consentir a uma precisão sua [...] (BRASIL, 1997, p. 41)

Ademais, além da falta de capacidade leitora, ainda há que se ressaltar o despreendimento de muitos dos nossos alunos, reproduzidos em exames avaliativos de competências e habilidades. O problema de interpretação e de escrita de pautas consideradas embrionárias, o obstáculo de entendimento de assuntos e textos de base para a produção textual, são exemplos clássicos e fluentemente palpáveis. É de suma importância que a escola legitime os conhecimentos que os discentes trazem de modo internalizado, que eles possam imprimir criticidade ao que leem e predizem, no entanto, que leiam as mais diversas práticas de linguagem e saibam guiar seu entendimento leitor para quaisquer disciplinas.

Para tanto, entende-se a relevância da leitura neste procedimento e acordo com Zilberman (2001, p.77), é apropriado lembrar que:

Ler é saber. O primeiro resultado da leitura é a ampliação de conhecimento geral ou específico. Ler é trocar. Ler não é só receber. Ler é conferir as vivências próprias com as expostas pelo escritor, comparar a própria perspectiva com o dele, recriando ideias e revistando definições. Ler é dialogar; Quando lemos, constituímos uma conversa com a obra, entendendo finalidades do autor. Somos induzidos a fazer perguntas e buscar respostas. Ler é praticar a compreensão. Quando lemos, colocamo-nos de maneira adequada ou não aos pontos de compreensão, pensamos contextos e contextualizamos dentro de nós mesmos, pensamos acerca das alternativas dos personagens ou acerca das ideias conceituadas pelo autor. Ler é expandir a acuidade. Ler é ser motivado à observação de características da vida que do mesmo modo nos sobrevinham despercebida. Ler bons livros é capacitar-se para ler a vida.

Ler é um processo que nos incita a perceber e identificar características da vida e do mundo ao nosso redor que, de outra maneira, poderiam passar despercebidos.

Por meio da leitura, somos motivados a prestar atenção aos detalhes, diferenças e complexidades que muitas vezes nos escapam na rotina diária. Com a leitura de bons livros, não só absorvemos os conteúdos escritos, como também desenvolvemos a capacidade de aplicar essa percepção elaborada a nossa própria existência.

Dessa forma, a leitura é um meio de nos prepararmos para entender melhor a vida em suas numerosas dimensões e complexidades com uma visão mais rica e profunda da realidade, permitindo-nos interpretar e experienciar o mundo com um maior conhecimento e sensibilidade.

Para Kleiman (2022, p. 22):

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido.

Com esta afirmação, a autora engloba bem o desafio diário enfrentado por muitos discentes em relação à leitura em sala de aula. O confronto direto com alguns textos descontextualizados e que estão além do seu nível de habilidades podem provocar a sua apatia com a leitura. É primordial, portanto, oferecer aos discentes a oportunidade de acesso a uma gama de textos, pois o desenvolvimento das habilidades leitoras não são consolidadas apenas solicitando a leitura exclusiva durante as atividades em sala de aula ou apenas no livro didático. Para desenvolvermos leitores capacitados e engajados, é necessário apresentá-los a uma diversidade de gêneros, formatos e estilos de escrita, ampliando assim as suas experiências de leitura, além dos materiais didáticos. Isso implica na introdução de materiais que possam despertar o interesse e a curiosidade dos alunos, permitindo que eles explorem uma variedade de concepções e contextos.

A ausência de sentido entendida pelos discentes pode aparecer quando os textos se distanciam das experiências pessoais, e não têm importância cultural ou não estão relacionados aos seus interesses, resultando em uma falta de conexão emocional e cognitiva com os textos.

A habilidade de estruturar o pensamento de forma eficiente facilita a comunicação, permitindo que os alunos se expressem com mais clareza, tanto nas interações cotidianas quanto em contextos acadêmicos e profissionais. No entanto, essa organização das ideias não acontece automaticamente. Ela precisa ser

trabalhada e desenvolvida de forma que os estudantes consigam usar a escrita como ferramenta para comunicar seus pensamentos de forma assertiva.

A relação entre leitura e escrita é crucial nesse processo. Quando os alunos leem, têm acesso a diferentes formas de organização textual e estilos de escrita, o que serve de base para suas próprias produções. Ao escrever, eles não apenas reproduzem o que leram, mas também reinterpretam o conteúdo, organizando as ideias de forma própria e aplicando-as a diferentes contextos. Essa troca contínua entre leitura e escrita fortalece a aprendizagem, pois vai além da simples reprodução de informações, estimulando os alunos a pensar criticamente sobre o que leem e a expressar suas próprias opiniões. Faz parte do nosso trabalho promover leituras que façam diferença na vida desses jovens, que nos abordam com diversas dificuldades, problemas e, ao mesmo tempo, com tantos saberes internalizados. A escolha do que será instruído deve sempre se direcionar para o que é mais relevante para esses estudantes, para aquilo que eles podem aplicar das leituras recomendadas no espaço escolar, permitindo uma conexão mais significativa entre o que aprendem e suas vivências.

É correto que, a partir do debate suscitado, examinemos se na metodologia de aprendizagem dos educandos e da relação deles com a leitura estamos desconsiderando seus interesses, seus conhecimentos. O que estamos lecionando, uma vez que a leitura, suporte para outras aquisições, depara-se em déficit em analogia a outros conteúdos? Já que estamos gerando perguntas para a revisão de nossas alternativas e futuras concepções de leitura, nasce mais uma: será que é verdadeiramente importante o trabalho com textos e conteúdos deliberados? Não podemos empregar um texto como uma mera desculpa para o ensino da gramática normativa e seus componentes constituintes. Outrossim, a descontextualização, a estabelecida, perpetra com que o procedimento de aprendizagem se torne ineficaz.

No entanto, Paulo Freire (2005, p. 18) aponta que o ensino de leitura e escrita não deve ser uma prática mecânica, na qual o aluno apenas decora regras gramaticais sem compreender seu significado. Ao contrário, deve ser uma prática dinâmica, em que os alunos são incentivados a explorar o significado dos textos, questionar e refletir sobre eles. Assim, a leitura e a escrita se tornam um processo mais vivo e envolvente, no qual o aluno não apenas memoriza conteúdos, mas também se apropria de uma forma crítica e reflexiva da linguagem.

Em última análise, a escrita e a leitura devem ser vistas como ferramentas de transformação. Elas não apenas ajudam os alunos a desenvolver habilidades linguísticas, mas também os capacitam a compreender e questionar a realidade ao seu redor. A escola, ao trabalhar essas competências de forma crítica e reflexiva, tem um papel fundamental na formação de cidadãos conscientes, capazes de interagir de maneira significativa com o mundo.

2.2 Letramento literário na Educação de Jovens e Adultos

A implementação eficaz do letramento literário na educação de jovens e adultos, doravante EJA, enfrenta diversos desafios que precisam ser abordados para garantir que os alunos se beneficiem plenamente dessas práticas. Este aspecto do letramento é crucial para o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos alunos, pois a literatura não só enriquece o vocabulário e a compreensão textual, mas também promove a reflexão crítica e o entendimento profundo de diversas experiências humanas. Ao enfrentar desafios e implementar estratégias eficazes, é possível criar um ambiente de aprendizagem que valorize e promova a literatura, contribuindo para o crescimento acadêmico e emocional dos alunos adultos.

A EJA, de acordo com a LDB 9.394/96, no Art. 4º, parágrafo VII, garante aos educandos que não concluíram os seus estudos em idade própria, condições necessárias para a permanência e a conclusão, ampliando assim suas perspectivas futuras, em participar ativamente da sociedade com a promoção de habilidades de leitura e interpretação de textos literários entre alunos adultos.

Conforme Oliveira:

O tema 'educação de pessoas jovens e adultos' não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas primordialmente, a uma questão de especificidade cultural. Isto é, apesar do corte por idade (jovens e adultos são, basicamente, 'não-crianças') esse território da educação não diz respeito a reflexões e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea. [...]
(Oliveira, 1982 apud Ribeiro 2001, p.15)

A educação designada aos educandos da EJA, sendo esse grupo demarcado culturalmente, deve levar em consideração suas experiências, valores, linguagens e forma de aprendizagem, implicando assim na reflexão de estratégias educativas

apropriadas, tendo por escopo atender às necessidades específicas desses discentes e proporcionando um espaço educacional de inclusão e relevância.

Valorizar o conhecimento prévio do educando é importante, sobretudo quando se trabalha com turmas em que esse conhecimento é parte contínua das aprendizagens dos alunos, a exemplo da EJA, que recebe um contingente específico de educandos, com experiências de leitura distintas.

O ponto de interesse comum dos alunos da Educação de Jovens e Adultos é conseguir o Certificado de Conclusão do Ensino Fundamental ou Médio, que possibilitem a conquista de um emprego ou a oportunidade de melhoria de vida. A EJA esteve quase sempre relacionada a uma estratégia de minimizar a falta de escolarização desse público, compreendendo que ele não teve acesso ao ensino por diversos motivos.

Várias foram as mudanças que, segundo Leite (2013), ocorreram no nosso sistema educacional num período de 12 anos, a partir das três Constituições criadas por cada novo governo. Apesar de todas essas mudanças, foi somente em 1930 que uma preocupação inicial com a educação de jovens e adultos começou a fazer parte das discussões do segmento educacional no Brasil, uma vez que:

A educação nesse período encontrava-se bastante precária. Mesmo nas cidades dos Estados onde se promoveram reformas de ensino, sua qualidade era ruim e deficiente. Muitos alunos não permaneciam na escola, a repetência era muito elevada e os índices de evasão escolar muito altos, além de ser uma escola que não era para todos. (Leite, 2013, p.112)

Os índices de evasão das escolas que, por sua vez, não possibilitavam o retorno desses discentes às salas de aula, não apresentavam um planejamento ou programa de reingresso e permanência na escola terminavam por criar um contingente ainda maior de analfabetismo no país, que segundo Sandra Leite:

Faltava um controle sobre o real desenvolvimento do ensino e fiscalização sobre o que de fato ocorria nas escolas existentes no período. Outro grave problema era o analfabetismo, considerado como um dos principais problemas a serem enfrentados e causa das dificuldades do crescimento do país. (Leite, 2013, p.112)

Dessa forma, na Constituição de 1934, constavam nos artigos 149 e 150, que a educação era um direito comum a todos os cidadãos e a obrigatoriedade de a União rever o Plano Nacional de Educação, incluindo o ensino primário integral e gratuito

que contemplasse também os adultos, a gratuidade para permanência na escola e liberdade de ensino em todos os níveis da educação.

Apesar de a Constituição de 1934 não conter cláusulas claras que se adequassem à Educação de Jovens e Adultos, foi a primeira vez que uma Constituição Federal inseriu o tema ao seu texto. Segundo Sandra Leite (2013, p. 124):

O Plano Nacional de Educação de responsabilidade da União, previsto pela Constituição de 1934, deveria incluir entre suas normas o ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória. Esse ensino deveria ser extensivo aos adultos. Pela primeira vez a educação de jovens e adultos era reconhecida e recebia um tratamento particular.

Com a regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em 1996, observou-se a necessidade de implantação de um ensino de qualidade, que defendesse a escola pública e gratuita para todos os cidadãos brasileiros e promovesse investimento na formação de professores. A esse respeito, Sandra Leite cita que:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) reiterou os direitos educativos dos jovens e adultos ao ensino adequado às suas necessidades e condições de aprendizagem, estabelecendo as responsabilidades dos poderes públicos na identificação e mobilização da demanda e provisão de ensino fundamental gratuito e apropriado. (Leite, 2013, p. 231)

A partir desse momento, a EJA passou a ser considerada um segmento da Educação Básica e tinha como objetivo oportunizar o estudo para os alunos que, por motivos diversos, não puderam estudar na idade escolar ou não conseguiram concluir os estudos que porventura tenha evadido. Nesse sentido, as escolas passaram a implementar o segmento também numa tentativa de minimizar o grau de analfabetismo vigente entre jovens acima de 15 anos.

O direito assegurado à educação é um avanço e mesmo não sendo uma garantia de qualidade, significa um passo importante num país com alta evasão escolar como o Brasil. A má distribuição de renda, a falta de incentivo à educação e as práticas incoerentes de muitas instituições e educadores, acabam por promover a mentalidade distorcida de que a educação não é urgente e importante, comprometendo assim a formação intelectual desses alunos e conseqüentemente seu crescimento social futuro.

Mesmo com todo avanço e valorização em relação ao segmento de EJA, obstáculos ainda são enfrentados na prática. A EJA ainda não foi considerada uma

prioridade na educação, pois as políticas públicas voltadas para esse segmento ainda são escassas ou sofrem má distribuição, falta de apoio e incentivo. Quase que constante, são estudantes que precisam sustentar suas famílias e não tem como priorizar os estudos.

Desse modo, o Plano Nacional de Educação com duração estabelecida por 10 anos, 26 metas traçadas exclusivamente para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem desempenhado um papel importante neste segmento.

De acordo com Almeida e Corso (2015, p. 1285):

A história da Educação de Jovens e Adultos - EJA - no Brasil é permeada pela trajetória de ações e programas destinados à Educação Básica e, em particular, aos programas de alfabetização para o combate ao analfabetismo. Em algumas ações, para o público jovem e adulto, embora não se constitua o objetivo principal, é possível identificar também o incentivo à profissionalização, ainda que de forma tímida. Por um lado, incentivou-se a aprendizagem da leitura e escrita, para que os jovens e os adultos pudessem exercer o seu "direito" de voto; por outro lado, o estímulo à alfabetização veio acompanhado das novas exigências econômicas pela aprendizagem dos elementos básicos rudimentares da cultura letrada.

Também há que se compreender que a EJA se constitui de um público diferenciado, com necessidades outras para além daquelas experienciadas nas demais modalidades educacionais. Isso solicita das instituições novas abordagens e a implementação de novos materiais e planos de ação capazes de efetivar a frequência e permanência desses estudantes em sala de aula. Nessa reflexão, Almeida e Corso apontam que:

A heterogeneidade peculiar a esta modalidade de ensino faz com que o espaço do diverso seja repleto de riqueza social e cultural. Há aspectos que fazem desses estudantes seres ímpares que, por meio de suas histórias de vida, de suas memórias e representações, preenchem o cotidiano da Educação de Jovens e Adultos e, por sua vez, precisam ser preenchidos por "escolas" e outros espaços que entendam as suas particularidades. (Almeida e Corso, 2015, p. 1284)

Dessa forma, a leitura desenvolve um papel crucial para a promoção da aprendizagem e o desenvolvimento das competências e habilidades, num contexto como o da EJA. Compreender o que a leitura significa nessa modalidade é também respeitar e entender os fatores limitantes desses alunos, a partir da sua realidade social, para que possamos assim atender às necessidades específicas desses discentes, aplicando atividades de maneira a contribuir com a sua formação.

A presença da leitura literária na EJA é fundamental para desenvolver a percepção de mundo que esses discentes já possuem. Nos textos literários, encontram-se as possíveis representações da realidade que podem, se adequadamente mediadas, dialogar com o pensamento e sentimento do discente presente na EJA. De acordo com Souza e Cosson:

O conhecimento prévio é considerado por vários autores como a estratégia 'guarda-chuva', pois a todo momento o leitor ativa conhecimentos que já possui com relação ao que está sendo lido. [...] A atividade de acionar essas informações interfere diretamente na compreensão durante a leitura. Passar rapidamente os olhos pela história na pré-leitura, frequentemente, resulta na formulação de hipóteses baseadas no conhecimento prévio do leitor sobre o assunto tratado na narrativa e a forma como ele é abordado. Tais hipóteses representam o começo da compreensão dos significados do texto e serão confirmadas durante a leitura do livro. (Souza e Cosson, 2011, p. 104).

Compreendemos que os estudantes da EJA possuem origens linguísticas e culturais diversas, e que portanto este fator poderá influenciar, diretamente, nas habilidades de leitura, a construção de materiais que reflitam essa diversidade pode tornar a aprendizagem mais significativa e inclusiva para esses alunos.

Outro ponto que se faz importante observar com relação à Educação de Jovens e Adultos é não somente a presença de jovens que buscam aprender para se inserir no mercado de trabalho. É preciso considerar que estão também incluídos os adultos e idosos que nunca se alfabetizaram e que necessitam de um trabalho mais abrangente de escolarização.

De acordo com Leite (2013), tanto os jovens quanto os adultos matriculados nas turmas de alfabetização da EJA, advêm de experiências de fracasso escolar, muita dificuldade com conteúdo e muita exclusão, tendo vivenciado tais questões quando frequentaram as escolas convencionais.

Em se tratando desse público com tantas particularidades, o envolvimento do docente e sua prática são importantes para a formação do estudante da EJA. Não é raro verificar que além da falta de políticas públicas, o estudante da EJA enfrenta o despreparo de alguns educadores que não apresentam planos de ação, materiais e conteúdos que possam formar adequadamente esse público.

De acordo com Silva (2022, p.58):

Se pararmos para observar as salas de aulas da EJA, assim como o material que se é trabalhado nessa modalidade, perceberemos que frequentemente

são espaços que não são adequados para este público bem como o material é reaproveitado de turmas infantis e utilizado na educação do adulto pela escassez de algo específico para o público adulto, fazendo, em muitos casos, com que o adulto não se sinta pertencente e importante no espaço escolar.

A essa problemática, Ribeiro (2001, p. 60), por sua vez, menciona que:

É importante que os jovens e adultos expressem sua subjetividade, engajem-se em atividades coletivas sobre as quais possam planejar e exercer controle, interessem-se por buscar novas informações e aprendizagens que ampliem sua visão de mundo e possibilidades de ação.

Enquanto docentes, vemos a necessidade de estimular o hábito da leitura através da oferta de textos que desenvolvam a oralidade e despertem o interesse pela escrita. Temáticas que também possam desenvolver o diálogo, a escuta ativa e a interação. Tentar aproximá-los da cultura regional e oportunizar os espaços de reflexão, através das oficinas de leitura, que colaborem com os múltiplos letramentos, dessa modalidade de ensino.

Diante do exposto, é importante compreender o significado do letramento. Soares (2017b, p. 35) aponta que a tradução do conceito *literacy* é “a qualidade de ser letrado”. A significação atribuída ao termo letramento está vinculada à utilização que se tem da leitura e da escrita e não é imposta apenas à condição de saber ler e escrever, ser alfabetizado.

Há, portanto, uma contestação entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (conferindo a esse termo o significado que tem *literate* em inglês). Isto é: o indivíduo que aprende a ler e escrever – que se torna alfabetizado – e que passa a fazer utilização da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se tornam letradas – é dessemelhante de um indivíduo que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, compreendendo ler e escrever, não faz utilização da leitura e da escrita – é alfabetizada, porém não letrada, não vive em posição ou condição de quem sabe ler e escrever e exercita a leitura e a escrita (Soares, 2017, p. 36).

Constatamos que a alfabetização não é garantia suficiente para tornar uma pessoa efetivamente capaz de usar a leitura e a escrita de forma prática e contínua. O letramento envolve a utilização dessas habilidades em diversos contextos e a sua integração nas práticas sociais e culturais. Assimilar essa diferença é fundamental para o desenvolvimento de estratégias educacionais com o objetivo de promover não apenas a habilidade de ler e escrever, mas também a capacidade de utilização dessas habilidades na vida cotidiana.

Desse modo, compreendemos que o letramento está vinculado aos usos sociais que perpetrados da leitura e da escrita em distintas circunstâncias na sociedade em que vivemos. Nesse aspecto, é crível um conceito, que nos termos de Soares (2017) define;

Letramento: decorrência da ação de ensinar e aprender às práticas sociais de leitura e escrita/ A condição ou qualidade que contrai um grupo social ou um sujeito como decorrência de ter-se adequado da escrita e de seus aprendizados sociais. (Soares, 2017, p. 39).

Portanto, é necessário a adoção de práticas e atividades docentes que estão inseridas em contextos sociais e culturais específicos, compreensão, análise crítica, contextualização cultural e histórica, apreciação estética, como também a utilização da leitura e a escrita de maneira eficiente e significativa dentro de uma sociedade. A utilização das habilidades de leitura e escrita, de maneira eficaz, em contextos sociais específicos levarão o aluno a compreender e participar das práticas sociais de forma eficaz.

Soares (2017, p. 41) mostra o conceito por meio de um poema escrito por uma aluna norte-americana, Kate Chong², que nos faz refletir acerca dos díspares papéis que a leitura e a escrita têm em nosso dia a dia. Aqui estão algumas estrofes:

O QUE É LETRAMENTO?

Letramento não é gancho
em que se pendura cada som enunciado, não é treinamento repetitivo
de uma habilidade nem um martelo quebrando blocos de gramática.
Letramento é diversão é leitura à luz de vela ou lá fora, à luz do sol.
São notícias sobre presidente, o tempo, os artistas da TV e
mesmo Mônica e Cebolinha nos jornais de domingo. (...)

Entretanto, o letramento não é restrito como é a alfabetização. Kleiman (1995) conceitua o letramento como “práticas e eventos vinculados à utilização, função e influência social da escrita”, ressaltando ainda que o entendimento de letramento não se atém ao texto escrito, que está vigente também na oralidade.

Para a autora referenciada, a pesquisa acerca do letramento no Brasil pode ser contextualizada como:

² Kate Chong, de linhagem asiática, produz o poema sobre sua história pessoal de letramento.

Uma das tendências de estudo que melhor materializa a conexão de interesse teórico, a busca de definições e elucidações acerca de um fenômeno, como a importância social ou aplicada, a formulação de perguntas cuja resposta possa requerer a mudança de uma realidade tão inquietante como é a avançada marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita (Kleiman, 1995, p. 15)

Desse modo, percebemos a seriedade da ampliação de pesquisas e estudos voltados a esse aspecto. Vale ressaltar que o letramento não faz vigência apenas no âmbito escolar, e que essa segregação pela não informação da leitura e da escrita tão corrente na sociedade em nada coopera para a formação do sujeito, suscitando ou acentuando mais disparidades sociais.

Confirmando ainda o conceito do letramento como prática social, Barton e Hamilton (2004 *apud* Viana, *et al.*, 2016, p. 30) destacam que o letramento não habita meramente no pensamento dos sujeitos como um conjunto de capacidades a serem aprendidas e que, como toda a prática humana, o letramento é fundamentalmente social e se encontra no relacionamento interpessoal.

Embora observemos que, primeiramente, o letramento, geralmente vem conexo à utilização da escrita, tomamos aqui a leitura e a escrita como indispensáveis e relevantes ao processo de formação do sujeito como cidadão. Dessa forma, o letramento literário na escola deve ser sempre pertinente, seja por meio de propostas e sugestões designadas pelas secretarias de educação, seja por meio de propostas desempenhadas por nós, os docentes.

Embora que não exista a disciplina de Literatura na educação de jovens e adultos, a leitura literária está vigente no conteúdo ofertado a esse segmento. Como educadores de Língua Portuguesa, nos desdobramos entre o ensino de regras gramaticais e a formação de leitura.

A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, incide justamente em uma exploração dos potenciais da linguagem, da palavra e da escrita [...] é na prática da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade dos regramentos impostos pelos discursos uniformizados da sociedade letrada e se estabelece um padrão próprio de se perpetrar dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos (Cosson, 2022, p. 16).

Assim, a leitura e a escrita são exercícios indissociáveis, logo, não se deve enfatizar esta ou aquela. Nessa configuração, a literatura possui maior implicação de tornar o mundo inteligível, transformando e analisando sua materialidade. Por conseguinte, precisa sustentar um lugar específico nas escolas (Cosson, 2022). O

letramento literário tem se consolidado como um dos vieses do termo letramento, como Souza e Cosson (2011, p. 102) explicam:

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular.

A relação diferenciada entre o letramento literário e os demais tipos de letramento encontra-se no lugar específico que a linguagem literária ocupa e, segundo Souza e Cosson (2011), nos referentes característicos do texto literário, acessados mediante a leitura.

Além disso, o espaço do letramento literário é a escola, uma vez que “[...] ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar.” (Souza e Cosson, 2011, p. 102). Por isso, seguir etapas que contemplem a imersão do educando na linguagem literária, suas temáticas e representações é importante para fomentar uma prática adequada de letramento literário, na sala de aula.

Entretanto, esse letramento não é uma receita pronta, como muitos pensam. Ele requer (re)conhecer o universo literário, os efeitos de suas atualizações e os modos pelos quais a literatura envolve o entender o mundo e estar inserido nele. Como arte, a literatura irá extrapolar os limites impostos pela própria linguagem, construindo sentidos novos e ilimitados para a leitura apreendida desses textos.

Para tanto, entendendo-se o letramento literário como “construção literária dos sentidos” (Souza e Cosson, 2011, p. 103), a leitura do texto literário buscará detalhes e desenvolverá estratégias necessárias para a formação do repertório de linguagens do leitor, abrangendo novos espaços de significação das palavras. Nesse sentido, Souza e Cosson (2011, p. 104) recomendam “[...] tornar visível o invisível, ou seja, fazer com que os alunos percebam o que vem em mente quando leem é função do professor.”

2.4 O GÊNERO CORDEL: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS

Neste capítulo, exploramos a origem do cordel, suas raízes históricas e culturais, além das principais características que definem esse gênero literário. O cordel, com sua forte ligação com a oralidade, possui uma estrutura específica, que se reflete em sua linguagem vibrante e acessível. Investigamos como esses aspectos influenciam o desenvolvimento de competências literárias, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

2.4.1 O que é o cordel

No Brasil, o cordel aparece como sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte do conjunto de narrativas em verso conhecido por literatura de cordel. (Marinho; Pinheiro, p. 11, 2001)

A literatura de cordel, como destacam Pinheiro e Lúcio (2001, p. 11), é um gênero literário de grande diversidade temática, que abrange desde narrativas sobre guerras e crimes até histórias de amor, sofrimento e questões políticas e sociais. Essa amplitude temática não só reflete a riqueza das experiências humanas, mas também revela a capacidade do cordel de captar as inquietações e os desejos de uma população, tornando-se um instrumento fundamental para registrar e transmitir a história, seja de forma direta ou simbólica.

Como observa Viana (2010, p. 27), a arte do trovadorismo, que tem suas raízes na Península Ibérica, se espalhou para o Novo Mundo, onde encontrou solo fértil, tanto na América espanhola quanto na portuguesa. No Brasil, esse gênero literário chegou com os primeiros colonizadores portugueses, trazendo consigo a tradição de ser comercializado de uma maneira peculiar: pendurado em cordões, como uma espécie de "exposição ambulante", de fácil deslocamento. (Oliveira, 2023, p. 72).

No entanto, como explica Oliveira (2023, p. 72), a forma de comercialização do cordel no Brasil foi adaptada às particularidades locais. Embora a tradição portuguesa fosse a de vender os folhetos pendurados em cordões, no Brasil, especialmente no Nordeste, os vendedores de cordel, conhecidos como folheteiros, passaram a transportar e comercializar as obras de maneira diferente. Em vez de cordões, os folheteiros utilizavam sacos de pano e malas de madeira. Essas malas e sacos, ao

serem abertos, funcionavam como expositores práticos e eficientes, permitindo aos compradores visualizarem os cordéis de forma acessível e rápida. Essa adaptação à realidade brasileira não apenas facilitava o processo de venda, mas também refletia a simplicidade e a praticidade que caracterizam o próprio espírito do cordel.

Originado da tradição oral, o cordel tem como característica principal a utilização de versos rimados para contar histórias e transmitir conhecimentos. Os poetas e cantadores, conhecidos como "repentistas", utilizavam essa forma poética para perpetuar mitos, lendas e até acontecimentos históricos, garantindo a transmissão de valores e saberes entre gerações.

A partir dessa base oral, o cordel foi se solidificando como uma forma literária distinta, com suas características e estrutura próprias, que envolvem tanto a forma quanto o conteúdo. As rimas, o ritmo e a métrica, muito presentes nas composições, possibilitam que as histórias contadas sejam facilmente memorizadas e transmitidas. Além disso, a simplicidade da linguagem utilizada aproxima o cordel das massas, permitindo que um amplo público, independente do grau de escolaridade, tenha acesso a essas produções literárias. Dessa forma, o cordel se firmou não apenas como entretenimento, mas também como uma ferramenta de crítica social, abordando temas como injustiças, desigualdade e a luta do povo nordestino.

Tradicionalmente, o cordel era impresso em folhetos simples, de baixo custo, e vendido em feiras, mercados e festivais populares, criando um vínculo estreito com as manifestações culturais locais. Esses folhetos eram uma maneira prática de disseminar a literatura entre as comunidades, ao mesmo tempo em que davam visibilidade aos poetas, que muitas vezes eram figuras locais de grande respeito.

De acordo com Pinheiro e Lúcio (2001, p. 15), as características dos folhetos de cordel começaram a se consolidar entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, quando a produção dessa literatura começou a tomar uma forma mais estruturada. Leandro Gomes de Barros, considerado um dos pioneiros da produção de cordéis no Brasil, iniciou a publicação de seus folhetos em 1893, sendo seguido por outros autores de destaque, como Francisco das Chagas Batista, em 1902, e João Martins de Athayde, em 1908. Durante esse período, estabeleceram-se regras para a composição e comercialização dos folhetos, e um público específico passou a se formar em torno dessa produção literária. Inicialmente, os folhetos eram impressos em tipografias de jornais, mas, com o tempo, passaram a ser produzidos nas próprias tipografias dos poetas, conferindo-lhes uma característica artesanal e

personalizada. Essa mudança no processo de produção permitiu aos poetas maior controle sobre a criação e distribuição das obras, além de fortalecer a relação direta entre os autores e o público leitor.

Tavares (2022) destaca que o auge da literatura de cordel no Brasil ocorreu entre as décadas de 1930 e 1950, especialmente nas cidades nordestinas, quando surgiram gráficas dedicadas à impressão dos cordéis no formato característico de 11x15 cm. Este tamanho, facilmente visualizado como uma folha dobrada ao meio, formando um pequeno caderno de oito páginas, tornou-se uma característica marcante do gênero. Embora o número de páginas pudesse variar conforme a extensão do texto, a estrutura de múltiplos de oito, como 16, 24 ou até 40 páginas, permitiu maior organização e padronização na produção e distribuição dos cordéis, tornando o acesso mais fácil para o público. Esse formato não só facilitou a produção como também consolidou a literatura de cordel como uma importante expressão literária e cultural no Nordeste, refletindo tanto as tradições orais quanto a criatividade dos poetas populares da região.

De acordo com Abreu (1999, p. 17-18):

Apesar de, atualmente, utilizarmos o termo 'literatura de cordel' para designar as duas produções [a portuguesa e a do nordeste brasileiro], os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início desta produção, referiam-se a ela como 'literatura de folhetos' ou, simplesmente, 'folhetos'. A expressão 'literatura de cordel nordestina' passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente. Na mesma época, influenciados pelo contato com os críticos, os poetas começam a utilizar tal denominação.

O uso do termo "literatura de cordel" pelos nordestinos surge, então, na década de 1970, influenciado pelo contato com estudiosos e críticos literários. Esse fenômeno de nomeação reflete uma adaptação do cordel, não apenas para a academia, mas também para o reconhecimento formal dessa produção como parte da literatura nacional. Ao longo do tempo, os poetas e os leitores passam a adotar o termo de forma mais consciente, carregando com ele uma identidade que vai além da simples transposição do termo português para a realidade brasileira. Esse movimento também pode ser visto como um reflexo do processo de valorização cultural que, aos poucos, foi trazendo o cordel para o centro das discussões sobre a literatura popular brasileira.

É interessante perceber como, ao longo do tempo, a literatura de cordel foi conquistando seu lugar e sua identidade dentro da cultura literária nacional, passando

de um status marginalizado para uma aceitação mais ampla e valorizada. Isso não significa que o cordel deixou de ser popular, pelo contrário, o termo "cordel" acaba reforçando ainda mais o caráter acessível e democrático desse gênero, ao mesmo tempo que confere um respeito acadêmico, algo que antes não era associado a ele.

A capacidade de adaptação do cordel, não diminuiu a sua essência, mas sim, permitiu sua reinvenção em novos contextos reafirmou a sua importância como uma ferramenta de expressão e resistência cultural. Com o tempo, ele se expandiu para outros meios de comunicação, como as rádios e até mesmo a televisão, o que ampliou significativamente seu alcance e sua influência. Embora ainda mantenha a essência de uma literatura popular, o gênero tem se renovado, incorporando novas tecnologias e se inserindo em novas linguagens artísticas. A digitalização, por exemplo, abriu espaço para a produção e a distribuição de cordéis pela internet, permitindo que poetas e artistas alcancem públicos ainda maiores. Além disso, o cordel tem sido cada vez mais explorado nas artes cênicas, com adaptações para o teatro, a dança e até o cinema, demonstrando sua flexibilidade e relevância em diferentes formatos culturais.

Entendemos que o cordel continua a ser uma poderosa forma de promover o letramento, não apenas no campo literário, mas também como meio de expressão pessoal e coletiva. Ao abordar temas universais e ao mesmo tempo profundamente enraizados na realidade local, o cordel se mantém como uma ponte entre o passado e o presente, entre o tradicional e o moderno. Sua relevância na educação e na formação cultural é indiscutível, oferecendo uma maneira acessível e envolvente de entender as complexidades sociais, históricas e culturais do Brasil.

2.4.2 Como e quando o cordel vai à escola

O cordel, enquanto gênero literário de grande expressão popular, começa a ganhar espaço nas escolas brasileiras, especialmente nas últimas décadas, quando a literatura de cordel passou a ser reconhecida como parte fundamental da identidade cultural do Nordeste e do Brasil todo. No entanto, sua inserção no ambiente escolar não aconteceu de forma imediata e natural, e o processo de sua integração ao currículo escolar é relativamente recente, se comparado à sua existência.

Historicamente, o cordel sempre esteve muito presente no cotidiano popular, especialmente nas áreas rurais do Nordeste, sendo um importante instrumento de alfabetização, como destacam diversos estudiosos, como Viana (2010), que ressalta

o papel do cordel como “um poderoso veículo de comunicação de massas”. Durante muitas décadas, os folhetos de cordel foram o único material de leitura disponível para as populações mais pobres e analfabetas, especialmente nas áreas rurais, que não tinham acesso a outros meios de instrução. O “professor folheto”, como era chamado, foi fundamental para a alfabetização de gerações, tornando-se um elo entre o saber popular e o saber formal.

No entanto, o cordel demorou para ser oficialmente incorporado ao currículo escolar, apesar de já ser uma forma popular de expressão literária, especialmente no Nordeste do Brasil. Embora ele tivesse um valor cultural imenso, principalmente para as populações nordestinas, sua linguagem e estilo mais simples e direto faziam que o fosse, muitas vezes, marginalizado pelos sistemas de ensino tradicionais, que priorizavam outros tipos de literatura mais formal e acadêmica. Esse processo de marginalização estava diretamente ligado ao preconceito contra o linguajar regional e informal que caracterizava o cordel, como destaca Araújo (2006), que aponta o “preconceito contra a linguagem despreocupada, regionalizada e informal” do cordel, que foi visto durante muitos anos como algo inferior.

A verdadeira entrada do cordel nas escolas começa a se dar a partir da década de 1970, quando o reconhecimento de sua importância cultural e literária começa a ganhar força, especialmente com o trabalho de estudiosos e poetas que passaram a considerar o gênero como uma forma legítima de literatura. De acordo com Abreu (1999), foi nessa época que a nomenclatura “literatura de cordel” começou a ser amplamente utilizada para descrever tanto a produção portuguesa quanto a brasileira, mas, com uma atenção especial à produção nordestina.

O ensino do cordel nas escolas brasileiras, em especial nas escolas públicas do Nordeste, ocorre principalmente no contexto da valorização da cultura local e da diversidade linguística e cultural. Os educadores perceberam a riqueza do gênero e sua capacidade de promover o pensamento crítico, além de incentivar os estudantes a refletirem sobre questões sociais, políticas e culturais, ao mesmo tempo, em que exploram as variações da língua portuguesa. O cordel, com sua poesia envolvente, suas rimas e ritmo marcante, facilita o ensino de literatura, ao mesmo tempo, em que dá voz às realidades e às histórias do povo nordestino.

O cordel não é apenas uma ferramenta de ensino de literatura, mas também de construção da identidade cultural dos alunos. Ao ser introduzido nas salas de aula, o cordel vai além do aspecto puramente estético e literário. Ele se torna uma ponte entre

o saber tradicional e o conhecimento formal, uma forma de resgatar e preservar as tradições culturais que formam a base da sociedade brasileira. O uso de cordéis nas escolas oferece aos alunos uma nova maneira de se conectar com suas raízes culturais, enquanto, ao mesmo tempo, os educa sobre a história, a música, a arte e as práticas sociais que definem o povo nordestino.

Portanto, o cordel vai à escola, não como um simples objeto de estudo literário, mas como uma ferramenta educativa completa, que abrange as questões linguísticas, culturais e sociais. Sua inserção no ambiente escolar representa uma valorização da diversidade cultural brasileira e uma forma de promover a educação de maneira mais ampla e inclusiva. O cordel, com seu caráter popular e acessível, serve como um elo de união entre as diferentes realidades sociais e culturais do Brasil, permitindo que os estudantes se sintam representados e ouvidos, ao mesmo tempo em que ampliam sua visão sobre o mundo.

Ao integrar o cordel no ambiente escolar, Viana (2010) destaca seu potencial para promover um letramento mais significativo, que respeita a vivência e o saber popular dos alunos. A presença do cordel nas escolas representa uma rica oportunidade de conexão entre a literatura popular e os processos de ensino aprendizagem. Ele defende que essa forma literária pode atuar como uma ponte entre as diversas realidades dos alunos e o mundo da leitura, permitindo que os estudantes se identifiquem com a cultura local e, ao mesmo tempo, desenvolvam habilidades de leitura e escrita.

Negreiros (2016, p.1) constata que:

A literatura de cordel sugere a interação entre a arte e o professor, a escola, o aluno e a cultura popular de diferentes épocas até a contemporaneidade, possibilitando também o contato da linguagem popular com os acontecimentos reais de uma região. Este contato com elementos mais próximos da realidade do aluno e dos professores pode contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois o vocabulário usado na literatura de cordel é ou pode ser mais semelhante à linguagem cotidiana do aluno, tornando a compreensão de textos mais fácil. (Negreiros, 2016 p.1)

Dessa maneira, a literatura de cordel desempenha um papel importante na interação entre diferentes esferas culturais, como a arte, a escola, o professor, o aluno e a cultura popular. Ela conecta o presente com o passado, oferecendo uma visão ampla das tradições e das expressões culturais de diversas épocas. Nesse sentido, o cordel não é apenas uma forma literária, mas um meio de promover uma troca

constante de saberes, aonde os alunos e professores podem se relacionar com temas, acontecimentos e personagens que fazem parte do cotidiano de suas comunidades. Essa troca é especialmente enriquecedora, pois aproxima os conhecimentos da sala de aula da realidade concreta dos estudantes.

Um aspecto central dessa interação é o fato de que a literatura de cordel aborda frequentemente temas ligados ao contexto local, como eventos históricos, mitos, lendas e práticas culturais de uma determinada região. Esse vínculo com a realidade regional permite que os alunos se reconheçam nos textos, tornando a leitura mais significativa. Quando o conteúdo abordado na literatura de cordel remete a situações ou acontecimentos com os quais os estudantes estão familiarizados, a compreensão do texto se torna mais acessível. Isso se deve, em parte, ao uso de uma linguagem popular, mais próxima da oralidade cotidiana dos alunos. Dessa forma, a leitura de cordéis pode atuar como um facilitador da interpretação e compreensão de textos, uma vez que a familiaridade com o vocabulário e as expressões utilizadas contribui para o entendimento mais fluido da obra.

Além disso, o uso da literatura de cordel no ambiente escolar pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos. Ao ter contato com um vocabulário mais próximo do seu universo social e linguístico, o aluno tende a se sentir mais confortável no processo de leitura. Ele também se torna mais apto a se expressar, visto que pode utilizar referências culturais e linguísticas que fazem parte de seu repertório. Dessa forma, a literatura de cordel não só favorece a ampliação do vocabulário dos estudantes, mas também fortalece suas competências de escrita, permitindo-lhes explorar sua criatividade e expressar suas próprias vivências por meio de um gênero que carrega consigo uma forte carga cultural e de identidade.

Portanto, a literatura de cordel, ao integrar elementos da cultura popular com a prática escolar, torna-se um instrumento valioso para o desenvolvimento da educação. Ela aproxima o aluno de sua cultura, contribui para a valorização de suas raízes e facilita o aprendizado, tornando-o mais significativo e contextualizado com a realidade de cada um.

Outro momento importante para a inserção do cordel nas escolas ocorre no ensino da língua portuguesa, especialmente no ensino fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesses contextos, o cordel se torna um recurso para trabalhar com as competências linguísticas, como a construção de rimas, a utilização de figuras de linguagem e a exploração do ritmo e da sonoridade das palavras. O cordel também

pode ser abordado no contexto de outras disciplinas, como história e arte, já que muitos folhetos de cordel abordam temas de grande relevância cultural e social.

Além de seu valor pedagógico, o cordel também desempenha um papel importante na construção da identidade dos estudantes. Em muitos casos, o cordel serve como um meio para que os alunos expressem suas próprias experiências e se conectem com sua cultura. Essa forma de expressão permite que os alunos de diferentes regiões do Brasil compartilhem suas histórias locais e suas visões de mundo, ao mesmo tempo em que aprendem a reconhecer a riqueza das diversas culturas presentes no país.

O cordel não apenas entra como conteúdo escolar, mas também como um reflexo da realidade local, ajudando a fortalecer o sentimento de pertencimento e a valorização da cultura regional. O uso do cordel na escola, portanto, vai além de uma simples atividade pedagógica; ele se torna uma forma de afirmação cultural e de resistência contra as imposições de uma cultura dominante.

Apesar dos avanços na inserção do cordel nas escolas, ainda existem desafios significativos para sua plena valorização. Um dos maiores obstáculos é a resistência de parte dos educadores e das instituições escolares, que, muitas vezes, enxergam o cordel como um conteúdo marginalizado ou de menor importância acadêmica. Além disso, o currículo escolar, muitas vezes, ainda prioriza conteúdos mais tradicionais, como a literatura clássica, em detrimento de manifestações culturais populares.

2.4.3 Os cordéis contemplados na pesquisa

Antes de apresentarmos os textos contemplados na pesquisa, é importante uma pequena contextualização sobre a escolha desses textos. Antes de apresentar o cordel "A Pedra do Meio-Dia", de Braulio Tavares, aos alunos, achamos por bem mostrar alguns autores e obras da tradição do cordel, com a finalidade de situar os artistas e evidenciar as diferenças entre a arte de fazer cordel. A produção de Tavares assume inclusive outro meio de edição, o livro.

Assim, decidimos focar aqui um pouco da história e fazer literário dos cordelistas utilizados nas atividades propostas em nossa intervenção.

2.4.4 De autoria de Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza

Arievaldo Viana é um poeta, escritor e cordelista cearense, amplamente reconhecido por suas obras que mesclam a tradição do cordel com temas contemporâneos. Seu trabalho é marcado por uma linguagem simples e acessível, mas com profundidade de conteúdo, muitas vezes tratando de questões sociais e culturais de maneira crítica e reflexiva. Além disso, Arievaldo tem a capacidade de criar narrativas que capturam a imaginação do leitor, utilizando figuras e personagens que se conectam com a vida cotidiana e com as lendas populares do Nordeste.

Ele é um dos principais responsáveis pela renovação do cordel no século XXI, ao abordar temas atuais como as questões políticas, econômicas e ambientais, mas também ao revisitar e ressignificar as grandes histórias e mitos da cultura popular nordestina. Sua escrita é, ao mesmo tempo, um tributo à tradição e uma forma de dialogar com o presente.

Zé Maria de Fortaleza, assim como Arievaldo, também é um importante nome da literatura de cordel do Ceará. Sua obra tem uma forte ligação com o humor e a crítica social, algo que é típico da literatura popular nordestina. Zé Maria de Fortaleza é conhecido pelo uso criativo da oralidade, do ritmo e da métrica do cordel, sempre com uma pegada de sateré e reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pela população, principalmente no contexto urbano e rural do Nordeste.

Ele também é reconhecido por sua habilidade em transformar o cotidiano e as questões regionais em temas poéticos e acessíveis a todos. Suas poesias, muitas vezes, abordam temas como a desigualdade social, a seca, a vida simples do sertão e a resistência do povo nordestino. Com isso, Zé Maria se tornou uma figura importante na perpetuação da tradição do cordel, mas também na sua atualização, dialogando com novos públicos e contextos. Ambos, Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza, representam a fusão da tradição e da inovação dentro da literatura de cordel. Enquanto preservam as formas e os ritmos da poesia popular nordestina, suas obras também abrem espaço para discussões mais amplas e para o uso de novos temas, provando que o cordel pode, sim, se atualizar e continuar sendo um veículo de expressão vital para as questões sociais e culturais de cada época.

Esses poetas não apenas mantêm viva a tradição do cordel, mas também ampliam o seu alcance, mantendo-se fiéis às suas raízes enquanto dialogam com os tempos modernos. Ao fazerem isso, eles ajudam a manter o cordel relevante para as

novas gerações e para o público que, muitas vezes, não está tão familiarizado com essa forma literária.

2.4.5 De autoria de Braulio Tavares

Braulio Tavares nasceu em Campina Grande, Paraíba, em 1950. Além de escritor, é compositor e autor teatral. Publicou obras de vários gêneros, entre ensaio, poesia, contos e cordéis. Seu livro *A invenção do mundo pelo Deus-curumim* recebeu o Prêmio Jabuti de Melhor livro Infantil em 2009.

A obra "A Pedra do Meio-Dia" é um exemplo de como o autor utiliza a literatura de cordel para refletir e provocar discussões sobre questões sociais e culturais, através da imaginação popular e da linguagem poética. Publicado na década de 1990, esse cordel combina elementos da tradição nordestina com uma narrativa repleta de simbolismos e questionamentos existenciais. No poema, a pedra do meio-dia, um elemento mítico e misterioso, pode ser interpretada como uma metáfora para momentos de crise ou de revelação. A pedra representa algo que está no centro de um processo de transformação, ou até de um dilema, no qual a verdade se revela de maneira crua e muitas vezes desconcertante. O meio-dia, por sua vez, simboliza a hora do pico, a intensidade do sol, o ápice da luz, em contraste com a escuridão da noite e a sombra.

A obra também pode ser vista como uma crítica às injustiças sociais e à realidade do sertão nordestino, marcada pela seca, pela pobreza e pela luta pela sobrevivência. Tavares, por meio da sua escrita, faz uma reflexão sobre a luta do povo nordestino e os desafios enfrentados no cotidiano, com uma linguagem simples, mas profunda.

O tom poético e a construção da obra não se limitam a uma simples narrativa, mas buscam ir além, oferecendo ao leitor uma visão mais ampla sobre o sentido da vida, as tensões sociais e a busca por respostas no meio de adversidades. A pedra do meio-dia torna-se, portanto, não só um objeto de culto ou de fé, mas também um ponto de interrogação, um convite para refletir sobre o que está por trás da realidade visível, desafiando as convenções do cotidiano. Em suma, "*A Pedra do Meio-Dia*" é uma obra que mistura o lúdico, o mítico e o social, usando a forma tradicional do cordel para tocar temas universais e ao mesmo tempo muito específicos da cultura nordestina,

como a luta pela sobrevivência, o impacto do meio ambiente e a busca por um sentido maior em meio à realidade dura.

3. METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Apresentamos, neste capítulo, as perspectivas sobre a caracterização acerca da pesquisa com o cordel na sala de aula da EJA, do Ciclo III, 6º Ano, do Ensino Fundamental II, justificando a seleção dos materiais, além da descrição da proposta de intervenção pedagógica.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa está classificada como pesquisa-ação, de natureza qualitativa e interpretativa, com foco na leitura crítica, visando promover a resolução de problemas reais e imediatos dentro do contexto da sala de aula. Os procedimentos da pesquisa incluíram a leitura crítica dos cordéis, além de discussões, interpretações, análises e a realização de exercícios de produção oral e escrita.

O processo da pesquisa teve como dados qualitativos a interpretação e compreensão das temáticas abordadas, bem como a eventual produção textual, a partir do Cordel *A Pedra do Meio-Dia*, de Braulio Tavares. A culminância da pesquisa deu-se no Sarau Literário, no qual os alunos declamam estrofes do cordel trabalhado.

De acordo com a Resolução nº 466/12, a pesquisa apresentou risco mínimo, pois ofereceu materiais literários e didáticos adequados e pertinentes aos estudantes do Ciclo III, 6º Ano do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de considerar o espaço escolar. Foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba, sob parecer nº 7.205.174.

Os benefícios esperados com a intervenção incluíram a oportunidade de contribuir para a melhoria da formação educacional dos discentes da EJA. O reconhecimento e a valorização da cultura, mediados pelo cordel, foram fundamentais para o fortalecimento da identidade e autoestima dos alunos. Além disso, prevíamos uma ampliação na perspectiva intelectual e emocional, estimulando o prazer pela leitura, por meio do envolvimento com o gênero literário apresentado.

3.2 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com uma turma do 6º Ano, Ciclo III, da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em Guarabira–PB. O principal objetivo foi incentivar o letramento crítico e a leitura literária, usando o cordel *A Pedra do Meio-dia*, de Braulio Tavares.

A proposta da escola está alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), garantindo que as práticas pedagógicas atendam aos princípios e competências da educação básica no Brasil. Além disso, a escola conta com um Projeto Político Pedagógico atualizado, que orienta suas ações pedagógicas e administrativas, atendendo às necessidades dos alunos e da comunidade.

A escola oferta, além da EJA, o ensino regular nos Anos Finais do Ensino Fundamental. O quadro de funcionários da instituição é diversificado e qualificado, incluindo gestores, coordenadores, professores e demais profissionais que contribuem para o bom funcionamento da escola.

A equipe gestora é comprometida tanto com a administração quanto com a gestão pedagógica, criando um ambiente acolhedor e propício para o desenvolvimento dos alunos. Os coordenadores ajudam a implementar práticas pedagógicas eficientes e estão sempre em sintonia com a proposta pedagógica da escola. A comunidade escolar tem uma participação ativa na gestão educacional, com o Conselho Escolar desempenhando um papel central nas decisões e ações da instituição.

Esse conselho garante que todos os segmentos da comunidade escolar se sintam representados e envolvidos no processo, criando um espaço democrático para discussões importantes. Quanto à infraestrutura, a escola possui um ambiente físico bem estruturado, com salas de aula, biblioteca, refeitório, ginásio e outros espaços que atendem às necessidades educacionais.

A biblioteca, por sua vez, necessita de uma atenção especial para melhoria do acervo de livros, como também ainda não é utilizada de forma expressiva pelos alunos. Isso representa uma oportunidade de melhorar a interação dos estudantes com o espaço, usando-o mais para estimular a leitura e o letramento, o que certamente contribuirá para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos alunos.

3.3 PERFIL DOS PARTICIPANTES

A turma que participou da pesquisa é composta por 17 alunos, sendo 09 mulheres e 08 homens, com idades entre 15 e 57 anos. A grande maioria dos estudantes reside nas proximidades da Escola Municipal, com muitos deles oriundos de bairros periféricos da cidade, o que poderia refletir em desafios específicos, tanto no acesso quanto na continuidade das atividades escolares.

Em relação ao contexto profissional dos alunos, observa-se que uma parcela considerável se encontra desempregada, situação que pode estar relacionada a dificuldades econômicas e à busca por melhores oportunidades de trabalho. Por outro lado, uma parcela significativa dos alunos está inserida no mercado de trabalho, com carteira assinada, atuando principalmente no comércio local, como vendedores, ou desempenhando funções como serventes de pedreiro, pedreiros, empregadas domésticas e diaristas.

Em conversas informais com os alunos, ficou claro que a maioria não tem o hábito de ler. A falta de tempo, devido à sobrecarga de atividades relacionadas ao trabalho e à vida cotidiana, foi um dos principais fatores apontados. Além disso, o desinteresse pela leitura, muitas vezes ligado à falta de familiaridade com essa atividade, no dia a dia, também foi mencionado com frequência. Esse cenário revela a urgência de adotar estratégias pedagógicas que não só despertem o interesse pela leitura, mas também ajudem a conectar os alunos de forma significativa ao mundo literário.

Outro ponto importante observado foi o desconhecimento de muitos alunos sobre o gênero literário cordel. Esse distanciamento do cordel, uma das mais expressivas manifestações da literatura popular brasileira, reflete a falta de contato com essa rica tradição cultural, que poderia ser uma excelente ferramenta no processo de aprendizagem e no fortalecimento do vínculo dos alunos com a cultura nacional. Nesse sentido, a pesquisa teve como um dos seus principais incentivos sensibilizar os estudantes sobre a importância do cordel, apresentando-o de forma envolvente e acessível.

Com isso, buscou-se não apenas ampliar o repertório literário dos alunos, mas também fomentar um letramento crítico, essencial para sua formação completa. Apesar dos desafios, como a superação da falta de hábito de leitura e a necessidade

de engajamento dos alunos, vimos que o uso de práticas pedagógicas adequadas e planejadas pode superar essas dificuldades.

3.4 DESCRIÇÃO DO CORPUS DA LITERÁRIO

Para o letramento literário em nossas oficinas, escolhemos alguns textos e cordéis de Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza, do livro *Acorda Cordel em sala de aula: A Literatura popular como ferramenta auxiliar da Educação* (2010) e como leitura principal o cordel *A Pedra do Meio-Dia*, do poeta paraibano, escritor, dramaturgo e pesquisador em literatura fantástica, Bráulio Tavares.

FIGURA 1: O cordel trabalhado na pesquisa



Fonte: arquivo pessoal

A história do cordel gira em torno da amizade que surge do encontro de Artur e Isadora. Após um ato heroico de Artur, que salva Isadora do pulo de uma onça, ele decide embarcar na aventura de juntos resgatarem o pai de Isadora e a Pedra do Meio-dia, furtada por um gigante que enfeitiçou o povo do reino de Isadora.

Com a esperança de encontrar o pai e salvar o seu reino, Artur e Isadora embarcam nessa viagem fantástica, enfrentando bruxas, castelos mal-assombrados e muitos perigos. Contarão também com a ajuda de uma fada, que lhes dará instrumentos para que eles possam obter sucesso em sua jornada.

Ao unir elementos da tradição das histórias fantásticas e da cultura popular, Braulio Tavares (2022, p.83) mostra que: “(...) o leitor do cordel ‘não deve estranhar se num palácio do Oriente come-se macaxeira’ ou se ‘no casamento da princesa os músicos tocam sanfona’”. Para o autor, elementos da tradição e elementos populares se avizinham para construir as histórias da atualidade.

Utilizaremos os textos de Zé Maria de Fortaleza sobre *Técnicas do Cordel e A Didática do Cordel A Literatura popular como ferramenta auxiliar da Educação (2010)*, cordel de autoria Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana, do livro *Acorda Cordel em sala de aula*, de Arievaldo Viana.

3.5 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção será realizada por meio de 04 (quatro) oficinas de leitura, distribuídas em 13 aulas. Trabalharemos com as seguintes temáticas: (1) O que é o Cordel? (2) Contexto e histórico do Cordel; (3) Verso, Métrica e rima; (4) Principais modalidades do Cordel e suas características; (5) Apresentação e leitura do Cordel “*A Pedra do Meio-dia*”; (6) Contextualização da obra; (7) Apresentação do autor; (8) Identificação das ideias abordadas no cordel; (9) O que é a Xilogravura; (10) Isogravura como uma técnica de impressão adaptada a partir da xilogravura; (11) Releitura da Capa do Cordel utilizando a arte da isogravura; (12) Sarau poético.

As atividades desenvolvidas durante as oficinas poderão ser exploradas, de maneira significativa, tendo como objetivo desenvolver às seguintes competências específicas de Língua Portuguesa, de acordo com a BNCC (2017), são elas:

- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem;
- Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir

conhecimentos (inclusive escolares) e de envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social

- Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo;

- Empregar nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual;

- Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para a fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador de experiência com a literatura.

A primeira oficina será composta por 03 aulas, nas quais daremos início à apresentação do gênero cordel. Na primeira aula, buscaremos contextualizar historicamente a Literatura de Cordel, a sua origem e evolução, dando ênfase a sua importância como Patrimônio Cultural do Brasil, conforme Art. 216 da CF, regulamentado pelo Decreto nº 3.551/2000.

QUADRO 1 – ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA OFICINA

TEMÁTICAS TRABALHADAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS	Nº de aulas	Total de aulas
O que é o Cordel? Contexto e histórico do Cordel	- Apresentação de slides com o Cordel "A Didática do Cordel" de Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana, do livro <i>Acorda Cordel em Sala de Aula</i> (Viana, 2010, p. 23).	- Enriquecer a compreensão dos alunos acerca do contexto e histórico do Cordel. - Despertar o gosto pelos poemas de Cordel a partir da leitura ritmada dos versos.	Slides; Textos; Datashow; Livro <i>Acorda Cordel em Sala de Aula</i> ; Caixinha de som; Microfone	01	03
TEMÁTICAS TRABALHADAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS	Nº de aulas	Total de aulas
	- Leitura ritmada do poema apresentado. - Apresentação sobre o contexto e histórico do Cordel.	- Contextualizar historicamente a origem e evolução do Cordel, dando ênfase à sua importância na cultura brasileira.			
A importância da visita ao Memorial do Cordel na valorização da cultura popular nordestina 4o	- Realização de visita ao Memorial do Cordel.	- Proporcionar uma vivência prática e imersiva sobre o tema, ampliando o entendimento sobre o Cordel.	Transporte; Caderno; caneta	01	
Verso, Métrica e Rima	- Apresentação dos slides e texto de apoio "Breve História do Cordel", com o texto <i>Técnicas do Cordel</i> (Viana, 2010, p. 34).	- Promover a compreensão e apreciação das particularidades específicas do Cordel.	Slides; Textos; Datashow; Caixinha de som; Microfone	01	

Na segunda oficina, que constará de duas aulas, e a partir do texto de Zé Maria de Fortaleza, que está no livro *Acorda Cordel na sala de aulas: A Literatura popular como ferramenta auxiliar na Educação*, de Arievaldo Viana (2010), abordaremos sobre as seguintes temáticas: verso, métrica e rima.

QUADRO 2 – ORGANIZAÇÃO DA SEGUNDA OFICINA

TEMÁTICAS TRABALHADAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS	Nº de aulas	Total de aulas
Principais modalidades do Cordel e suas características	- Apresentação de slides com as principais modalidades do	- Estimular a apreciação artística do Cordel.	Slides; Textos; Datashow; Caixinha de	02	02
TEMÁTICAS TRABALHADAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS	Nº de aulas	Total de aulas
	Cordel e suas características. - Utilização das cópias do texto do livro <i>Acorda Cordel em Sala de Aula</i> de Viana (p. 43). - Leitura ritmada do Cordel apresentado.	- Promover a compreensão e apreciação das particularidades específicas do Cordel.	son; Microfone		

Já na terceira oficina, com 05 aulas, teremos a apresentação e leitura do cordel *A Pedra do Meio-dia*, de Braúlio Tavares. Haverá a contextualização da obra e todos os discentes receberão uma cópia do livro. Falaremos sobre o seu autor e, em seguida, identificaremos as temáticas abordadas no cordel. Trabalharemos com as xilogravuras do folheto, aproveitando para mostrar também a arte da xilogravura e sua adaptação para a isogravura. Faremos uma releitura com a arte de isogravura das temáticas do cordel. Por fim, serão respondidos questionários interpretativos que estimularão a argumentação, exercitando assim a oralidade.

QUADRO 3 – ORGANIZAÇÃO DA TERCEIRA OFICINA

TEMÁTICAS TRABALHADAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS	Nº de aulas	Total de aulas
Apresentação e leitura do Cordel “A Pedra do Meio-dia”; Contextualização da obra	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação dos slides com o texto "A Pedra do Meio-dia" em formato de Cordel. - Entrega dos cordéis aos discentes. - Leitura ritmada do cordel, feita de maneira individual e coletiva. - Atividades orais e escritas sobre a compreensão do cordel. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a expressão criativa dos discentes. - Valorizar a leitura do Cordel, exercitando a expressão criativa dos alunos. - Sensibilizar os alunos por meio da leitura ritmada. 	Slides; Texto impresso do Cordel; Datashow; Caixinha de som; Microfone; Folhas A4; Lápis/borracha	02	05
CONTEÚDOS TEMÁTICOS INTEGRADORES	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS	Nº de aulas	Total de aulas
Identificação das ideias abordadas no romance em formato de Literatura de Cordel	- Discussão sobre as ideias principais abordadas no romance "A Pedra do Meio-dia" e sua adaptação para o formato de Cordel.	- Promover a análise crítica das ideias presentes no romance adaptadas para o Cordel.		01	
Retomando: O que é a Xilogravura	- Apresentação teórica sobre Xilogravura, explicando sua relação com a literatura de Cordel.	- Reforçar o conhecimento sobre a Xilogravura, uma arte tradicionalmente associada ao Cordel.		02	

Releitura da Capa do Romance utilizando a Isogravura (arte adaptada da Xilogravura)	- Utilização da técnica de isogravura (adaptação da xilogravura) para a releitura dos desenhos da capa do Cordel.	- Estimular a expressão artística dos alunos, aplicando a técnica de isogravura na releitura da capa do romance, proporcionando uma vivência prática da arte tradicional do Cordel.	Isopor; Tinta guache preta; Esponja de prato	
--	--	--	--	--

Na quarta oficina, teremos 03 aulas que serão utilizadas para a culminância do projeto. O evento ocorrerá com a presença dos professores, coordenadores e gestores da unidade de ensino. Assistiremos ao Sarau Poético com as declamações dos discentes, e apreciaremos a exposição das isogravuras, produzidas a partir da leitura das estrofes do cordel *A Pedra do meio-dia*.

QUADRO 4– ORGANIZAÇÃO DA QUARTA OFICINA

TEMÁTICAS TRABALHADAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS	MATERIAIS	Nº de aulas	Total de aulas
Declamação do Cordel Coletivo	- Declamação das estrofes pelos alunos do Cordel <i>A Pedra do Meiodia</i> , de Braúlio Tavares. - Exposição das isogravuras produzidas a partir da leitura das estrofes do Cordel <i>A Pedra do Meio-dia</i> , de Braúlio Tavares.	- Fomentar o interesse pela literatura de cordel. - Incentivar os discentes a declamarem as estrofes do Cordel. - Estimular a expressão artística e literária dos alunos.	Cartões para o acolhimento; Folheto com o Cordel Coletivo; Microfone; Caixa de som; Barbantes	02	02

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeira Oficina: Introdução ao Cordel – Contexto Histórico e Histórico do Gênero

A primeira oficina foi dedicada a introduzir o conceito de cordel para os alunos, abordando seu contexto histórico, as origens e as transformações do gênero ao longo do tempo. A atividade foi iniciada com a apresentação de slides, seguida pela leitura ritmada de um poema de cordel e uma visita ao Memorial do Cordel. O objetivo principal foi despertar o interesse e enriquecer a compreensão dos alunos sobre a relevância histórica e cultural do cordel, enfatizando sua importância dentro do contexto brasileiro.

Imagem 1



Fonte: Acervo da pesquisadora

A leitura ritmada do cordel foi uma das estratégias que mais se destacou, pois possibilitou aos alunos uma aproximação sensorial com a poesia popular. Conforme Freire (1996), a leitura deve ser um processo de participação ativa, e a leitura ritmada permite uma vivência mais intensiva do texto, proporcionando aos alunos a experiência de "ouvir" o cordel e "sentir" a musicalidade de suas palavras.

Além disso, o uso de materiais audiovisuais (slides, microfone, e caixinha de som, material didático) facilitou a imersão no conteúdo, permitindo aos alunos não apenas uma compreensão intelectual do cordel, mas também uma vivência emocional.

Imagem 2

Fonte: Acervo da pesquisadora

A visita ao Memorial do Cordel, por sua vez, proporcionou uma conexão concreta entre o conteúdo teórico e as manifestações culturais presentes na cidade. Costa (2003) aponta que o contato com objetos culturais e a história do cordel reforçam o processo de aprendizagem, especialmente no contexto da EJA, pois estimulam a construção de conhecimento a partir das experiências dos alunos.

Imagem 3

Fonte: Acervo da pesquisadora

Imagem 4



Fonte: Acervo da pesquisadora

O contato inicial com o cordel foi essencial para situar os alunos dentro do universo da literatura popular nordestina. Segundo Pereira e Santos (2021), é fundamental que o ensino do cordel ocorra dentro de uma abordagem contextualizada, evidenciando suas raízes históricas e sua relevância na construção da identidade cultural do Brasil.

Segunda Oficina: Modalidades e Características do Cordel

Na segunda oficina, as atividades focaram em aprofundar o entendimento dos alunos sobre as diversas modalidades do cordel, suas características estruturais, métricas e rimas. Foram apresentados textos do livro *Acorda Cordel em Sala de Aula* de Viana (2010), com especial atenção para o desenvolvimento da apreciação estética do cordel. O estudo das modalidades e características do cordel proporcionou uma compreensão mais ampla sobre sua forma literária, permitindo que os alunos passassem a identificar as particularidades do gênero, como o uso da métrica e da rima.

A leitura dos textos foi seguida pela análise de suas formas e estruturas, permitindo aos alunos refletirem sobre como essas características impactam o ritmo e a sonoridade das poesias. Segundo Oliveira (2021), o estudo das estruturas formais

da literatura popular fortalece o processo de letramento literário, pois possibilita que os alunos compreendam e se apropriem de diferentes códigos linguísticos, ampliando suas competências de leitura e escrita.

Imagem 5



Fonte: Acervo da pesquisadora

Além disso, a utilização de materiais didáticos variados, como slides, textos impressos e áudios gravados, contribuiu para a construção do conhecimento de maneira visual, auditiva e tátil, facilitando a apreensão dos alunos sobre as características do gênero literário. Silva e Santos (2022) reforçam que estratégias pedagógicas multimodais ampliam o engajamento dos alunos no ensino da literatura, tornando a aprendizagem mais acessível e significativa.

A combinação de leitura, análise formal e práticas interativas foi fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura crítica e produção escrita dos alunos, promovendo um contato mais próximo e reflexivo com a literatura de cordel e sua relevância cultural no cenário brasileiro contemporâneo.

Terceira Oficina: Leitura e Produção Criativa do Cordel – “A Pedra do Meio-Dia”

A terceira oficina foi dedicada à leitura do cordel *A Pedra do Meio-Dia*, de Braulio Tavares, com ênfase na contextualização da obra e na identificação das ideias presentes no texto. Após a leitura coletiva e individual do cordel, os alunos realizaram atividades escritas e orais sobre os temas abordados, com foco na análise das personagens, enredo e contexto social da obra. Essa oficina também teve como atividade a releitura da capa do livro, utilizando a arte da xilogravura, uma das principais técnicas de ilustração do cordel.

Imagem 6



Fonte: Acervo da pesquisadora

A atividade de releitura da capa por meio da xilogravura permitiu aos alunos expressarem sua criatividade e associar os conteúdos lidos com a produção artística. Segundo Pereira (2020), a arte e a literatura devem estar integradas ao processo educativo, pois estimulam tanto o desenvolvimento da interpretação crítica quanto a capacidade de expressão criativa dos alunos. Dessa forma, a xilogravura se mostrou uma excelente ferramenta para incentivar a imaginação e o trabalho manual, ao mesmo tempo em que reforçava os elementos visuais característicos do cordel.

Essa oficina combinou análise literária, prática artística e leitura expressiva, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e envolvente para os alunos.

Imagem 7



Fonte: Acervo da pesquisadora

Quarta Oficina: Culminância do Projeto – Apresentação do Cordel Coletivo

A última oficina teve como objetivo apresentação de uma leitura coletiva, baseado no trabalho desenvolvido nas oficinas anteriores. Os alunos foram convidados a declamar as estrofes do cordel *A Pedra do Meio-Dia* e expor as xilogravuras que haviam criado durante o processo. A culminância do projeto teve um caráter festivo e colaborativo, pois os alunos puderam compartilhar seus aprendizados e vivências com os colegas e com a comunidade escolar.

Imagem 8



Fonte: Acervo da pesquisadora

Essa última oficina consolidou os aprendizados adquiridos ao longo do projeto, promovendo um ambiente de troca de experiências e valorização da cultura do cordel, contribuindo para a formação crítica e expressiva dos alunos.

O trabalho com o cordel nas oficinas teve um impacto positivo no desenvolvimento das habilidades de leitura e expressão oral dos alunos. As atividades didáticas e as estratégias pedagógicas utilizadas – como a leitura ritmada, a análise estrutural dos textos, e a produção artística através da xilogravura – mostraram-se

eficazes para estimular a criatividade dos alunos e promover um aprendizado significativo.

As oficinas também contribuíram para a construção de uma identidade cultural, ao valorizar o cordel como expressão literária genuína da cultura nordestina. O incentivo à participação ativa dos alunos nas atividades de leitura e produção de textos ajudou a desenvolver um maior senso de pertencimento e orgulho em relação à cultura popular brasileira.

Imagem 9



Fonte: Acervo da pesquisadora

As oficinas demonstraram que a literatura de cordel é uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de integrar diferentes áreas do conhecimento e promover o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e expressão verbal de alunos da EJA. As atividades propostas contribuíram significativamente para a valorização da cultura popular e para o fortalecimento da identidade dos alunos, ao mesmo tempo em que proporcionaram uma experiência enriquecedora no campo do letramento literário.

Imagem 10



Fonte: Acervo da pesquisadora

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo proporcionar aos alunos uma imersão na literatura de cordel, abordando tanto a sua dimensão artística quanto cultural. Através de diversas atividades pedagógicas, buscamos estimular o interesse dos discentes pela rica tradição dessa manifestação literária popular, destacando as modalidades do cordel e suas características, e incentivando a expressão criativa dos estudantes.

A apresentação dos slides sobre as modalidades do cordel e suas características foi fundamental para contextualizar os alunos sobre os diferentes estilos presentes nesse gênero, ampliando sua compreensão sobre a diversidade temática e estrutural do cordel. A utilização do texto do livro *Acorda Cordel em Sala de Aula*, de Viana (2020), serviu como base para esse aprendizado, oferecendo uma análise detalhada sobre as particularidades do gênero, como as formas de rima e ritmo.

A leitura ritmada do cordel "A Pedra do Meio-dia", de Bráulio Tavares, foi uma das atividades centrais do projeto, pois proporcionou aos alunos uma experiência de contato direto com a poesia popular, permitindo-lhes apreciar o ritmo característico do cordel. Essa leitura foi realizada de forma individual e coletiva, estimulando a participação ativa de todos os discentes e desenvolvendo sua capacidade de expressão oral.

Além disso, a contextualização da obra e a apresentação do autor permitiram que os alunos compreendessem a história do romance e as ideias abordadas no formato de cordel, facilitando a identificação com os temas e personagens presentes na obra. A atividade de releitura da capa do romance utilizando a arte de xilogravura também foi uma forma criativa de integrar as artes visuais ao projeto, conectando os alunos com a técnica de isogravura e permitindo que expressassem suas interpretações da obra.

A culminância do projeto foi marcada pela apresentação do Cordel Coletivo, onde os alunos declamaram as estrofes de "A Pedra do Meio-dia" e expuseram as isogravuras produzidas. Essa atividade não só reforçou o aprendizado do conteúdo, mas também incentivou a expressão artística e a colaboração entre os alunos,

mostrando como o cordel pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da criatividade e do trabalho em grupo.

Em termos de recursos, a utilização de slides, textos impressos, microfone, caixinha de som, folhetos e materiais para isogravura contribuiu para tornar a experiência mais interativa e dinâmica. Além disso, ao integrar o uso de materiais como isopor, tinta guache e esponjas, os alunos tiveram a oportunidade de trabalhar com técnicas manuais que ampliaram suas percepções sobre a arte do cordel, desenvolvendo não apenas habilidades literárias, mas também visuais e manuais.

Em resumo, o projeto atingiu com sucesso seus objetivos de estimular a apreciação artística do cordel, fomentar a expressão criativa e valorizar o conhecimento cultural. Ao longo das atividades, os alunos não só aprenderam sobre o cordel como gênero literário, mas também vivenciaram a produção e a interpretação desse patrimônio cultural, reconhecendo sua relevância para a cultura brasileira.

Com isso, espera-se que esse projeto tenha despertado nos discentes um interesse contínuo pelo cordel e pelas suas diversas formas de expressão, além de incentivá-los a se envolverem de forma mais ativa e criativa na produção literária e artística.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana de; CORSO, Angela Maria. A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais. 2015.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAES, Artur Gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos. In: LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAES, Artur Gomes de. Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

ASSARÉ, Patativa do. Antologia Poética. 5ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

BORBA, Francisco S. (org.). Dicionário UNESP do Português Contemporâneo. São Paulo, Editora UNESP, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (Estratégias de ensino, 8).

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 24 mar. 2024

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Versão final. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_e_mbaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO, Roxane. Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas. São Paulo, Mercado de Letras, 2009. Cap. 3, p.35-49.

CAVALCANTI, Maria Clara. Formação do leitor: uma questão de jardinagem. Curitiba, Hum Publicações, 2016.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2022.

CUNHA, Conceição Maria da, Introdução de Jovens e adultos no Brasil. In. DI

PIERRO; Maria Clara. A Educação de Jovens e Adultos no Plano Nacional de Educação: Avaliação, desafios e perspectivas. Campinas/SP. Edc. Sec. Campinas, V.3 ,n.112P. 939-959,1999.

DE PIETRI, Emerson. Práticas de leitura e elementos para atuação docente. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 46ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAURÉLIO, Marco. *Literatura de cordel – do sertão à sala de aula*. Coleção Ler Mais. 168 p. São Paulo: Paulus, 2013.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura: Teoria e Prática. Campinas SP, Pontes, 2022.

KLEIMAN, Ângela B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. – Campinas – SP: mercado de Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo, Ática, 2008.

LEITE, Sandra Fernandes. O direito à educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal. 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

LEMO, Cláudia T. G. de. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, Roxane. Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas. São Paulo, Mercado de Letras, 2009. Cap. 1, p. 8-18.

LIMA, Joseane Arruda. A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL: uma proposta para a sala de aula. Paraíba, 2020.

LOPES, José de Ribamar (org.). Literatura de Cordel. Antologia. 3ª. Ed. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1994

LUCIANO, Aderaldo. Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro. São Paulo: Editora Luzero, 2012.

MARTINS, Maria Helena: O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012.

MENEZES, Larissa. Metodologias Ativas na Educação de Jovens e Adultos: Experiências e Desafios. Belo Horizonte: Editora Inclusão, 2023.

MOURA, Carla. Leitura Rítmada e Oralidade na Educação Literária. Fortaleza: Letras Nordestinas, 2020.

NASCIMENTO, Carla. *Literatura Popular e Ensino: O Cordel na Construção do Letramento Literário*. Fortaleza: Editora Nordestina, 2020.

OLIVEIRA, Tatiane; LIMA, Roberto. *Espaços Culturais e Aprendizagem Literária: O Papel dos Museus e Memoriais na Educação*. São Paulo: Conexão Pedagógica, 2022.

OLIVEIRA, Maria Clara. *Letramento Literário e Cultura Popular: O Cordel como Ferramenta Pedagógica*. São Paulo: Ed. Ponto, 2021.

OLIVEIRA, Arusha Kelly Carvalho de. *O cordel em sala de aula: sugestões didáticopedagógicas para uso da literatura popular visando o incremento da leitura*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2023.

PAULINO, Graça. *Leitura e letramento: conceitos e implicações pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PEREIRA, Tatiane. *Cultura Popular e Letramento Literário: A Literatura de Cordel no Contexto Escolar*. São Paulo: Conexão Pedagógica, 2022.

PEREIRA, Ana; SANTOS, Luiz. *Cordel e Identidade Cultural: Abordagens Contemporâneas na Educação*. Recife: Editora Popular, 2021.

PEREIRA, Ana Lúcia. *Arte e Literatura na Educação: Uma Abordagem Criativa*. São Paulo: Editora Ponto & Vírgula, 2020. PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina M. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

RIBEIRO, Vera Masagão. *Educação de Jovens e Adultos: Novos Leitores e Novas Leituras*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RODRIGUES, Patrícia; LIMA, Gustavo. *O Cordel na Sala de Aula: Teoria e Prática no Ensino de Literatura*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. *Experiências de leitura no contexto escolar*. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Cap. 1, p. 23-40.

SILVA, Vanessa Souza da. *Letramento e Ensino de Gêneros*. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, mar/ago. 2011.

SILVA, Elizabeth Maria da; ARAUJO, Denise Lino de. *Letramento: um fenômeno plural*. Rev. Bras. Linguíst. Apl. [online] v. 12, n. 4. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/101590/51984->. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Camila Maria de Menezes. *Da leitura à escrita: o gênero crônica na perspectiva do letramento literário na EJA*. 2023. 111 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2023.

SILVA, Mariana; GOMES, Rafael. *Cordel na Educação: Práticas Interdisciplinares para o Ensino Literário*. Recife: Editora Popular, 2021.

SILVA, Carolina; GOMES, Rafael. *Oralidade e Expressão na Educação: Estratégias para o Ensino Literário*. São Paulo: Editora Conexão Pedagógica, 2020. SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, Ricardo; SANTOS, Juliana. *Ensino Multimodal de Literatura: Práticas e Reflexões*. Rio de Janeiro: Ed. Letras Contemporâneas, 2022.

SOUZA, Marina; LIMA, Carlos. *Leitura Ritmada e Expressividade na Educação Literária*. Rio de Janeiro: Letras Contemporâneas, 2021. SOUZA, Renata Junqueira, *et al.*, *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. SOUZA, Renata J. de; COSSON, Rildo. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. São Paulo: UNESP, 2011.

SOUZA, Mariana; FERREIRA, Daniel. *Literatura e Artes Visuais no Ensino: Um Diálogo Possível*. São Paulo: Perspectivas Educacionais, 2022.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação/ Brian V. Street; tradução Marcos Bagno*. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TAVARES, Braulio. *A pedra do Meio-dia*. São Paulo, SP: Editora Fraciosi & Malta, 2022.

TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memórias de lutas: literatura de folheto do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983.

VIANA, Arievaldo. *Acorda Cordel em sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação*. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

VIANA, Carolina Assis Dias *et al.*, *Do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor*. In. KLEIMAN, A.; ASSIS, J. A. (Org.). *Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Sugestão de pesquisa

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CAVIGNAC, J. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*. Natal: EDUFRN, 2006.

PINHEIRO, H. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.

APÊNDICES
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

QUESTIONÁRIO DE DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E PERFIL SOCIOCULTURAL
DO DISCENTE DA EJA DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
RAUL DE FREITA MOUSINHO
(GUARABIRA-PB)

01. Nome completo: _____ (Não é obrigatório a sua identificação)

02. Idade: _____

03. Sexo: () Feminino () Masculino

04. Cor: () branco () negro () amarelo () pardo () outros: Qual? _____

05. Estado civil: () casado(a) () solteiro(a) () divorciado(a) Outro: ___

06. Tem filhos?

() Sim () Não Quantos: _____

07. Quantas pessoas moram em sua casa (contando com você)?

08. Você está trabalhando?

() Sim () Não

09. Qual atividade ou profissão que você exerce? Quantas horas por dia?

10. ? Com que idade você começou a trabalhar?

11. Você sempre teve trabalhar e estudar ao mesmo tempo

12. Por quais motivos você teve que começar a trabalhar?

13. Recebe algum benefício social, a exemplo do bolsa família?

14. Por que você desistiu da escola?

15. Já foi reprovado alguma vez?

16. Você gosta de ler?

Sim Não

17. O que você gosta de ler?(pode marcar mais de uma opção ou acrescentá-la):

Jornal

Livros virtuais

Revistas

Livros didáticos

Cordéis

Outros?Quais?_____

18. Você costuma ler na escola?

Sim Não

19. Você costuma ler em casa?

Sim Não

20. Qual(is) o(s) professor(es) que mais trabalha(m) a leitura?

21. Em sua casa há livros?

Sim Não

22. Se a resposta anterior for afirmativa, marca os tipos de livros que há em sua casa:

Jornal

Revistas

Livros didáticos

Cordéis

Outros?Quais?_____

23. Tem acesso à internet?

Sim Não

24. Quais os locais que você acessa à internet?

Em casa

Na escola

Outros:_____

25. Você conhece a literatura de cordel?

Sim Não

26. Você já leu algum folheto de cordel?

()Sim ()Não

27. Caso a resposta anterior for afirmativa,diga o que mais chamou a sua atenção no cordel?

28. Você estimula à leitura para os seus filhos?

()Sim ()Não

29. Qual o seu objetivo em concluir a EJA?

30. Você pretende fazer um curso superior?

()Sim ()Não

**APÊNDICE B - CADERNO DIDÁTICO- PEDAGÓGICO DE LETRAMENTO
LITERÁRIO**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS III MESTRADO PROFISSIONAL
EM LETRAS**

ADRIANA CAVALCANTE CARVALHO MENDES PEREIRA

**CADERNO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA
SALA DE AULA: O CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**GUARABIRA – PB
2025**

ADRIANA CAVALCANTE CARVALHO MENDES PEREIRA

**CADERNO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DE LETRAMENTO LITERÁRIO NA
SALA DE AULA: O CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Caderno didático-pedagógico apresentado como produto do processo formativo apresentado para conclusão do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Estadual da Paraíba, orientado pela Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA – PB
2025**

APRESENTAÇÃO

Este caderno pedagógico visa registrar e refletir sobre a aplicação do letramento literário na Educação de Jovens e Adultos (EJA), por meio do trabalho com o cordel. As oficinas, focadas no desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação, declamação, produção artística e análise crítica, utilizaram como base a obra *A Pedra do Meio-Dia*, de Bráulio Tavares. Diversos recursos didáticos, como data show, notebooks, caixinhas de som, isopor, tinta guache e livros, foram fundamentais para o desenvolvimento das atividades. Além disso, este caderno visa refletir sobre os resultados pedagógicos e fornecer subsídios para a replicação das práticas em outros contextos educacionais.

A EJA é um campo educacional que exige adaptações constantes nas práticas pedagógicas para atender às necessidades de alunos cujas experiências de vida e saberes influenciam diretamente o processo de aprendizagem. Após mais de vinte anos de experiência no Ensino Fundamental e três anos trabalhando diretamente com a EJA, percebi que um dos maiores desafios é despertar o interesse pela leitura literária, especialmente diante da diversidade de níveis de aprendizagem e das complexidades do contexto social e cultural dos alunos.

Muitas vezes, as práticas de leitura na EJA se limitam a leituras descontextualizadas, sem gerar um vínculo significativo com os alunos, o que compromete o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação. Este distanciamento da literatura contribui para a evasão escolar e dificulta o pertencimento à escola. Diante disso, a pesquisa-ação qualitativa foi escolhida para promover a transformação das práticas pedagógicas, valorizando os saberes prévios dos alunos e adaptando o ensino às suas necessidades. A escola deve ser um ambiente, onde as experiências de vida dos alunos são respeitadas e integradas ao processo de aprendizagem.

A escolha do gênero cordel se justifica por sua relevância cultural e acessibilidade, abordando temas sociais e históricos de maneira envolvente. O cordel, com sua forte tradição oral e escrita, especialmente no Nordeste brasileiro, aproxima os alunos da cultura e história da região, favorecendo uma leitura mais prazerosa e crítica. A obra *A Pedra do Meio-Dia* de Bráulio Tavares foi escolhida por tratar de questões contemporâneas de maneira lúdica, oferecendo uma oportunidade para discutir aspectos socioculturais e desenvolver um olhar crítico.

A pesquisa foi conduzida com alunos do Ciclo III da EJA, por meio de oficinas de leitura e escrita, ao longo de 13 aulas. Os alunos tiveram a oportunidade de explorar a estrutura poética do cordel, sua linguagem única e até mesmo participar de atividades artísticas, como a xilogravura adaptada para a isogravura. Ao final, um sarau permitiu que os alunos declamassem as estrofes do cordel e expusessem os seus trabalhos com a isogravura (adaptação da xilogravura).

Este trabalho fundamenta-se em autores como Soares (2017), Cosson (2022), Lajolo (2008), Kleimam (2022) e Cavalcanti (2016), que discutem o letramento literário e a Educação de Jovens e Adultos, e também nas contribuições de Freire (2011) e Ribeiro (2001) sobre práticas pedagógicas eficazes na EJA. O objetivo da pesquisa não foi apenas despertar o interesse pela leitura literária, mas promover um letramento crítico e reflexivo, formando leitores independentes e cidadãos mais conscientes, capazes de transformar a realidade por meio da leitura e interpretação dos textos literários.

TEMPO PREVISTO: 13h/AULA de 50 minutos aproximadamente.

GÊNERO TEXTUAL: CORDEL

METODOLOGIA I OFICINA - TOTAL DE AULAS: 03

Primeira Aula: Contextualização e Introdução ao Gênero Cordel

Na primeira aula, após a acolhida dos alunos, inicie a atividade com uma sensibilização sobre o que será trabalhado ao longo das oficinas; explique de forma acessível o objetivo das atividades e a relevância do cordel na cultura brasileira. Como primeiro passo, utilize o cordel do livro *A Didática do Cordel*, de Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana, página 23, como material de introdução. O Cordel escolhido traz uma explicação didática e acessível sobre as origens e os aspectos fundamentais desse gênero literário. A partir dele, o docente pode desenvolver discussões com os alunos sobre o papel do cordel na tradição oral, sua evolução histórica e sua função social como forma de comunicação popular.

Para complementar a introdução, utilize um vídeo para fornecer uma visão ampla sobre o que é o cordel, suas características principais, a relação com a cultura nordestina e o contexto histórico da literatura de cordel. A ideia é contextualizar os

alunos, permitindo que eles se conectem com o gênero antes de explorar suas especificidades.

Segunda Aula: Vivência Prática no Memorial do Cordel

Na segunda aula, organize uma visita ao Memorial do Cordel, uma atividade fundamental que oferece aos alunos uma vivência direta com a tradição do cordel. A visita permite que os estudantes conheçam de perto o processo de produção artesanal dos folhetos, as xilogravuras e os demais elementos típicos dessa literatura popular. A interação com o espaço e o contato com os materiais utilizados no processo de criação do cordel contribuem para que os alunos compreendam o trabalho manual envolvido, enriquecendo o aprendizado teórico com uma experiência prática.

Essa atividade também é uma oportunidade para discutir com os alunos as influências culturais e sociais que moldaram o cordel, além de permitir uma aproximação com a realidade do gênero, proporcionando uma forma de aprendizado mais dinâmica e interativa.

Será solicitado que eles registrem o que mais chamou sua atenção; O que mais gostou.

Terceira Aula: Verso, Métrica e Rima:

Na terceira aula, apresentaremos slides e cópias embasados no texto Técnicas do Cordel de Viana (2010, p.34-36), promovendo assim a compreensão das particularidades do Cordel. Como atividade prática utilize recursos como a caixa de som e o microfone para promover uma leitura em voz (alta, feita por você), de algumas estrofes de cordel.

Essa prática favorece a compreensão auditiva da estrutura poética do gênero, permitindo que os alunos percebam o ritmo, a musicalidade e a métrica que caracterizam a literatura de cordel. Ao ouvir a declamação, os alunos têm a chance de internalizar as rimas e entender como o cordel é, ao mesmo tempo, uma forma de poesia e uma ferramenta de comunicação popular. Esse exercício não só desafia os alunos a compreenderem as regras estruturais do cordel, mas também os estimula a

expressar suas próprias interpretações do gênero, explorando sua criatividade dentro das tradições do cordel.

Reflexão: Analisando as Estruturas e o Impacto nas Produções dos Alunos

Ao final da oficina, reserve um momento para refletir com os alunos sobre o que aprenderam e como as estruturas formais do cordel influenciam a mensagem transmitida. Pergunte aos alunos o que acharam mais interessante no estudo das rimas e métricas do cordel. Essa reflexão pode ser feita em grupo ou individualmente, incentivando a troca de ideias sobre o impacto da forma poética na interpretação das mensagens do cordel.

Este momento de reflexão é crucial para perceber o nível de compreensão dos alunos sobre as especificidades do gênero e seu interesse pelas questões formais. Questione se a oficina gerou um interesse mais profundo pelos aspectos formais do cordel, como ritmo e musicalidade, e como.

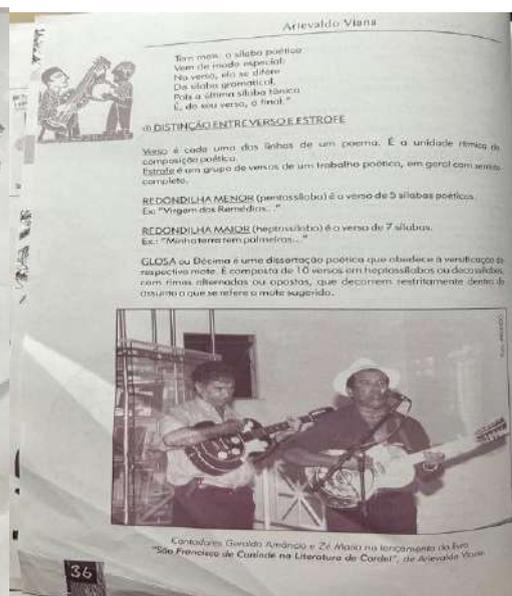
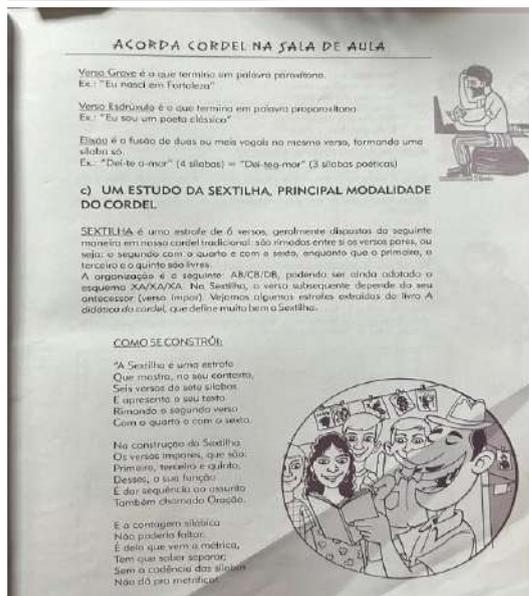
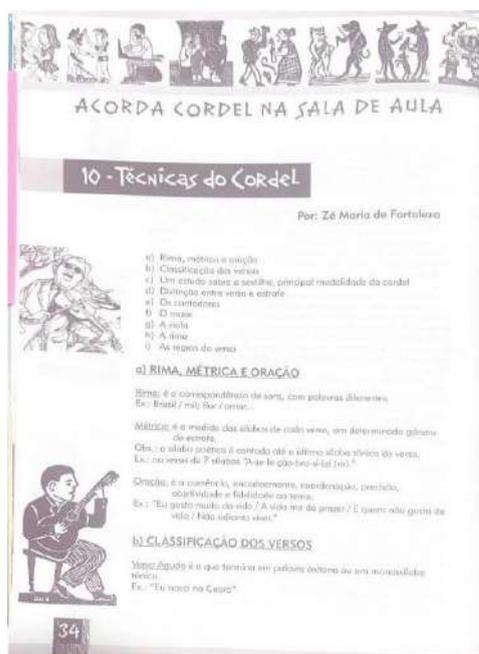
isso pode influenciar como eles leem . Esse *feedback* ajudará o docente a ajustar as futuras atividades, garantindo que os alunos continuem engajados e aprofundem seus conhecimentos sobre o gênero.

Assim, a primeira oficina não só introduz os alunos ao cordel, mas também proporciona uma experiência rica e sensorial que os aproxima dessa importante manifestação cultural, incentivando-os a explorar suas potencialidades literárias e criativas.

Objetivos da Oficina:

- ✓ Enriquecer a compreensão dos alunos acerca do contexto e histórico do Cordel; Despertar o gosto pelos poemas de Cordel a partir da leitura ritmada dos versos; Contextualizar historicamente a origem e evolução do Cordel, dando ênfase à sua importância na cultura brasileira;
- ✓ Proporcionar uma vivência prática e imersiva sobre o tema, ampliando o entendimento sobre o Cordel;
- ✓ Promover a compreensão e apreciação das particularidades específicas do Cordel.

MATERIAIS UTILIZADOS NA OFICINA I



Fonte: Vídeo utilizado para apresentar o gênero Cordel. Disponível em: C:\Users\adria\Desktop\Turma da EJA\Vídeos Cordel\O QUE É LITERATURA DE CORDEL_.mp4

Escola Municipal de Ensino Fundamental Raul Mousinho
Guarabira ___ / ___ / ___
Nome: _____

1) O que chamou mais a sua atenção?

2) Você já conhecia o Cordel?

3) Você gostou da visita à Casa do Cordel?



Fonte: Vídeo utilizado para apresentar o gênero Cordel. Disponível em: C:\Users\adria\Desktop\Turma da EJA\Vídeos Cordel\O QUE É LITERATURA DE CORDEL_.mp4.

II OFICINA - TOTAL DE AULAS: 02

Segunda Oficina: O Estudo da Sextilha – Modalidade Principal do Cordel

A segunda oficina será composta por duas aulas e tem como foco o estudo da sextilha, uma das formas poéticas mais tradicionais e essenciais dentro da literatura de cordel. O objetivo é proporcionar aos alunos uma compreensão profunda sobre a estrutura dessa modalidade, utilizando o texto de Zé Maria de Fortaleza, presente no livro *Acorda Cordel em Sala de Aula* de Arievaldo Viana. A proposta metodológica é trabalhar a sextilha de forma lúdica e envolvente, destacando a importância do ritmo, da musicalidade e da fluência na leitura do cordel.

Primeira Aula: Principais modalidades do cordel e suas características

Na primeira aula, o professor iniciará com a apresentação do conteúdo, utilizando slides baseados nas páginas 43 e 35 do livro *Acorda Cordel* em sala de aula. O professor apresentará as modalidades, de modo superficial, mas, com ênfase no estudo da sextilha de forma lúdica, permitindo que os alunos compreendam não apenas a técnica envolvida na construção dessa forma poética, mas também sua integração com o ritmo e a musicalidade do cordel. Durante a aula, será destacado como a leitura de um cordel deve ser feita, abordando a entonação, o ritmo e a fluência, elementos fundamentais para que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda das temáticas apresentadas.

O professor pode fazer uma leitura compartilhada do texto, estimulando os alunos a observarem e comentarem o ritmo e as rimas, promovendo uma reflexão sobre como esses elementos afetam a interpretação do conteúdo.

Segunda Aula: Principais modalidades do cordel e suas características

Na segunda aula, a metodologia se aprofundará com atividades práticas que envolvem o estudo das rimas e a construção de estrofes na estrutura da sextilha. Serão propostas atividades lúdicas, como o desafio de identificar rimas e completar estrofes incompletas, permitindo que os alunos reconheçam e pratiquem a estrutura dessa forma poética. Essa atividade promove a conexão entre teoria e prática, estimulando a criatividade e o pensamento crítico.

Ao longo das aulas, o professor incentivará os alunos a refletirem sobre como o ritmo e a musicalidade presente na sextilha enriquece o significado dos textos. A metodologia proposta visa despertar a percepção dos alunos para a beleza das rimas e da métrica, ao mesmo tempo em que os motiva a aprimorar suas habilidades de leitura crítica e criativa. O trabalho com a sextilha proporciona uma oportunidade para os alunos aprofundarem seus conhecimentos sobre o cordel, permitindo-lhes uma compreensão mais rica das questões sociais, culturais e históricas presentes nesse gênero literário. Ao integrar a leitura, a reflexão e a criação artística, a oficina oferece um espaço para o desenvolvimento da sensibilidade literária e da expressão criativa dos alunos.

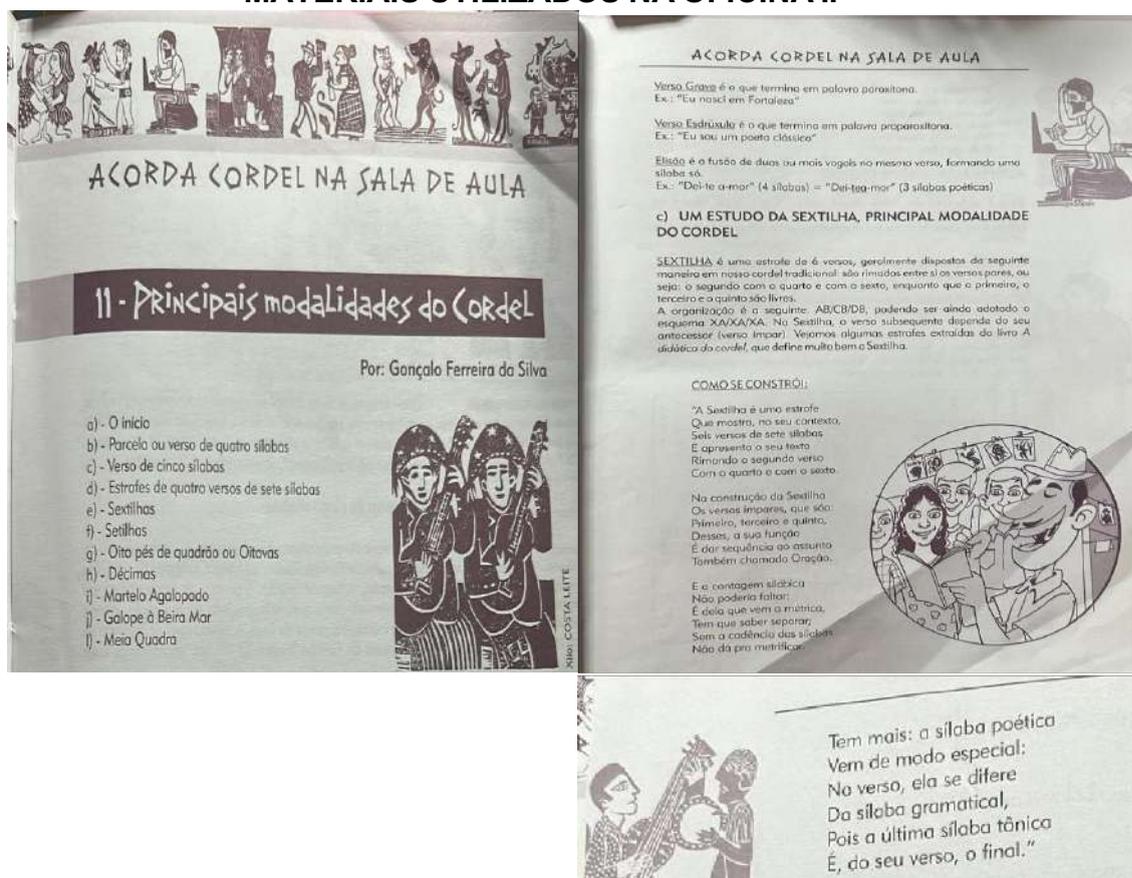
Reflexão: O Estudo da Sextilha – Modalidade Principal do Cordel

Essa abordagem metodológica não apenas visa o aprendizado técnico da sextilha, mas também promove uma conexão significativa com as temáticas abordadas na literatura de cordel, estimulando uma apreciação mais consciente e crítica das mensagens que ela transmite. A exploração das diversas modalidades do cordel, em especial a sextilha, permite aos alunos perceberem que o cordel não é uma forma fixa, mas sim um gênero literário flexível, capaz de abordar uma ampla gama de temas, de forma criativa e diversificada.

Objetivos da Oficina:

- ✓ Compreender a construção técnica da sextilha.
- ✓ Estimular a leitura fluente e ritmada do cordel.
- ✓ Identificar as rimas e a métrica da sextilha por meio de atividades lúdicas.
- ✓ Refletir sobre a importância do ritmo e da musicalidade no cordel.

MATERIAIS UTILIZADOS NA OFICINA II



APÊNDICE C – MATERIAL DIDÁTICO UTILIZADO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



ENTENDENDO AS RIMAS!

Complete as rimas das estrofes abaixo (escritas em sextilhas), com as palavras que estão faltando, de acordo com o cordel *A Pedra do Meio-Dia*:

- 1.(...) Artur era um andarilho
2. Que vivia a VAGUEAR X
3. Atravessando países
4. Pela terra e pelo _____X
5. Em busca de injustiças
6. Que ele pudesse_____X

- 1.(...)Isadora agradeceu
2. e depressa lhe EXPLICOU:X
- 3."A Pedra do Meio-Dia
- 4.é a pedra que _____X
- 5.o povo aqui deste reino
- 6.e não sei que fim _____X

- 1.(...)Nunca pise em qualquer chão
- 2 Só por ele ter FIRMEZA X
3. Não se apegue a formosura
- 4 Nem se iluda com a _____X
5. Nas grades da inteligência
6. É que a força fica _____X



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

Jogo da Rima Surpresa

Descrição: A professora apresenta uma carta com uma palavra e os alunos encontrarão a rima para a carta apresentada , a partir das estrofes do cordel *A Pedra do Meio-Dia*),ou dita pelo próprio aluno.

Variante: Transforme isso em uma competição, dando pontos por rapidez e criatividade.

FLORESTA VIAGENS DESTINO ESTRAGEIRO
AMIZADE INTELIGÊNCIA RIQUEZA MONTE
SURPRESA PRINCESA PAISAGENS ACENDEU
CRISTAL SALÃO FECHADO CLAREIRA GIGANTE
ESPADA TRIUNFANTE PAISAGENS HORTAS
ESTRIDENTE ABELHAS LEAL

III OFICINA - TOTAL DE AULAS: 06

Terceira Oficina: Apresentação e leitura do Cordel “A Pedra do Meio-dia”; Contextualização da obra, identificação de ideias e releitura da Xilogravura adaptada a isogravura.

Primeira Aula: Apresentação e leitura do Cordel “A Pedra do Meio-dia”; Contextualização da obra

Na primeira aula, o objetivo é introduzir aos alunos o cordel *A Pedra do MeioDia* e contextualizar a obra dentro da tradição da literatura de cordel. A atividade inicial consiste na apresentação dos slides com o texto *A Pedra do Meio-Dia* em formato de cordel, proporcionando uma visão geral do conteúdo e da estrutura do texto.

Em seguida, os alunos receberão cópias impressas do cordel para acompanhar a leitura. A leitura será feita de maneira ritmada, com participação tanto individual quanto coletiva, permitindo que os alunos exercitem a fluência da leitura e a entonação características do cordel. Durante a leitura, serão realizadas atividades orais e escritas para verificar a compreensão do conteúdo, estimulando os alunos a refletirem sobre o texto e a se expressarem criativamente.

Segunda aula: Leitura do Cordel “A Pedra do Meio-dia”; Contextualização da obra

A segunda aula tem como objetivo analisar as ideias principais do romance *A Pedra do Meio-Dia* e como essas ideias foram adaptadas para o formato de cordel. Após a leitura do texto, será realizada uma discussão guiada, onde os alunos debaterão as principais ideias abordadas na obra, como destino, escolhas e reflexão sobre a vida, e como esses temas foram transpostos para o formato do cordel. A ideia é promover uma análise crítica das mensagens presentes no romance, destacando a transformação do conteúdo original em uma narrativa de cordel, preservando a essência da história, mas ajustando-a ao estilo e à estrutura poética do gênero.

Durante a leitura, serão propostas atividades orais e escritas com o intuito de avaliar a compreensão do texto, incentivando os alunos a refletirem sobre o conteúdo e a se expressarem de forma criativa.

Terceira aula: Identificação das ideias abordadas no romance em formato de Literatura de Cordel

Na terceira aula, serão desenvolvidas atividades tanto orais quanto escritas com o objetivo de avaliar a compreensão dos alunos sobre o conteúdo do cordel. Essas atividades vão além da simples interpretação do texto, incentivando os alunos a refletirem profundamente sobre as ideias e mensagens apresentadas na obra. Além disso, as atividades proporcionarão oportunidades para que os estudantes se expressem de forma criativa, sejam por meio de discussões em grupo, atividades escritas ou outras formas de manifestação pessoal, permitindo que cada um compartilhe sua interpretação única do texto. O foco será também estimular a análise crítica e a conexão das temáticas do cordel com as experiências e realidades dos alunos.

Quarta aula: Leitura e interpretação do Cordel A Pedra do Meio-dia O que é a Xilogravura?

Na terceira aula, o foco será a xilogravura, uma técnica artística tradicionalmente ligada à literatura de cordel. O objetivo principal é proporcionar aos alunos uma apresentação teórica sobre a xilogravura, explicando sua origem, seu processo de criação e como ela se relaciona com o universo do cordel, especialmente na ilustração das capas dos folhetos. A intenção é reforçar o conhecimento dos alunos sobre essa arte, que não apenas complementa a literatura de cordel, mas também é uma forma de expressão cultural rica e significativa.

Ao explorar a xilogravura, os alunos serão convidados a entender como essa técnica contribui para a construção visual do cordel, ajudando na comunicação das histórias e ampliando a experiência de leitura. Além disso, será solicitada uma leitura das xilogravuras utilizadas no cordel "*A Pedra do Meio-dia*". Ao final, os alunos terão uma compreensão mais profunda sobre como a xilogravura e o cordel se interagem, além de apreciar sua relevância dentro da tradição popular brasileira.

Quinta Aula: Releitura das Xilogravuras do Cordel "A Pedra do Meio-Dia" e Representação dos Desenhos por meio da Isogravura

Nesta aula, os alunos irão realizar a releitura das xilogravuras presentes no cordel *A Pedra do Meio-Dia* e adaptá-las utilizando a técnica de isogravura. A atividade visa proporcionar uma vivência prática da arte tradicional do cordel, permitindo que os estudantes criem suas próprias representações visuais dos desenhos a partir do conteúdo do texto. Ao aplicar a isogravura, uma adaptação da xilogravura com o uso de isopor, os alunos irão explorar o processo artístico de uma forma acessível, desenvolvendo a percepção visual e a habilidade de expressar, por meio da arte, as temáticas e símbolos do cordel.

Sexta Aula: Releitura das Xilogravuras do Cordel "A Pedra do Meio-Dia" e Representação por meio da Isogravura

Na última aula, da terceira oficina os professores deverão promover a socialização das produções artísticas dos alunos, permitindo que eles compartilhem suas obras com os colegas. Além disso, a aula busca oferecer uma oportunidade para que os alunos reflitam sobre o aprendizado durante toda a oficina, avaliando sua compreensão dos temas trabalhados, como as questões abordadas no cordel e a conexão entre literatura e arte.

Esse compartilhamento permitirá que os alunos dividam suas interpretações pessoais da obra *A Pedra do Meio-Dia*, refletindo sobre as escolhas feitas durante o processo de criação. Além disso, ao explicar suas obras, os alunos terão a chance de destacar como a literatura de cordel se conecta com a arte visual e como as temáticas abordadas no cordel, como destino e escolhas, foram representadas de forma criativa.

O docente deverá organizar a distribuição das estrofes para a declamação durante a culminância da quarta oficina, garantindo que cada aluno tenha uma parte do texto para apresentar de forma individual ou em grupo.

Reflexão: Apresentação, Leitura do Cordel "A Pedra do Meio-Dia", Identificação de Ideias e Releitura da Xilogravura Adaptada à Isogravura

A Terceira Oficina é uma experiência rica e integradora, que aborda a obra *A Pedra do Meio-Dia* por meio da literatura de cordel e da arte. Na primeira aula, o objetivo é introduzir os alunos ao gênero do cordel. Os professores começam com a apresentação do texto em formato de cordel, realizando uma leitura ritmada, com atividades orais e escritas para estimular a expressão criativa e a compreensão do conteúdo.

Na segunda aula, os alunos discutem as ideias principais do romance, como destino e escolhas, e como essas ideias são adaptadas para o formato de cordel. O foco é incentivar a análise crítica e a reflexão sobre as temáticas abordadas na obra.

Na terceira aula, os alunos devem ser incentivados a expressar suas interpretações de forma criativa, relacionando as questões do cordel com suas próprias experiências de vida. As atividades devem permitir essa reflexão e conexão pessoal com o conteúdo.

Na quarta aula, os professores introduzem a técnica de xilogravura, explicando sua relação com a literatura de cordel e como ela complementa a narrativa. Através da teoria, os alunos aprenderão como a xilogravura contribui para a construção visual do cordel.

Na quinta aula, os alunos irão aplicar a técnica de isogravura, adaptando as xilogravuras para criar suas próprias representações visuais. Esse processo ajuda no desenvolvimento da percepção visual e permite que eles conectem mais profundamente os temas do cordel com a arte.

Na sexta aula, os professores promovem a socialização das produções artísticas dos alunos, permitindo que compartilhem suas obras e reflitam sobre o aprendizado. Essa troca de experiências fortalece a compreensão dos temas trabalhados e permite que os alunos expressem suas interpretações de forma criativa. Essa oficina visa integrar a leitura do cordel com a arte visual, estimulando a reflexão crítica e a expressão artística dos alunos de maneira envolvente e significativa.

Objetivos da Oficina:

- ✓ Estimular a expressão criativa dos alunos;
- ✓ Valorizar a leitura do Cordel, exercitando a expressão criativa dos alunos;
- Sensibilizar os alunos por meio da leitura ritmada; ✓ Promover a análise crítica das ideias presentes no romance adaptadas para o Cordel; ✓ Reforçar o conhecimento sobre a Xilogravura, uma arte tradicionalmente associada ao Cordel;

✓ Estimular a expressão artística dos alunos, aplicando a técnica de isogravura na releitura da capa do romance, proporcionando uma vivência prática da arte tradicional do Cordel.

MATERIAIS UTILIZADOS NA OFICINA III



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ATIVIDADES DA COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO SOBRE O CORDEL A PEDRA DO MEIO-DIA:

Qual é o tema central da história "*A Pedra do Meio-dia*?

Quantas estrofes tem o cordel *A Pedra do Meio-dia*?

Quantas versos tem o cordel *A Pedra do Meio-dia*?

O Cordel *A Pedra do Meio-dia* foi escrito em verso ou em prosa?

Quem são os personagens principais da história DO CORDEL, e qual é a importância deles na trama?

Como A Pedra do Meio-dia é descrita na história, e qual é o seu significado simbólico?

Qual é o conflito principal da história do cordel, e como ele é resolvido?

Qual é a importância do cenário para a história?

Em sua opinião, quem se destacou mais na história do cordel, Artur ou Isadora? Por quê?

Na sua opinião, as dificuldades impostas pela vida são maiores para mulheres ? Em caso afirmativo, justifique a sua resposta:

Na sua opinião, quais os desafios encontrados no cordel que assemelham-se ao da vida real? E que fase da vida seria esta?

Você já adiou ou desistiu dos seus sonhos ? Explique:

Você daria outro final a história do cordel de Bráulio Tavares?

Você teria a mesma coragem e determinação de Isadora para resolver os problemas?



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**ATIVIDADES DA COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO SOBRE O CORDEL
A PEDRA DO MEIO-DIA:**

Você acredita que existem amizades verdadeiras? Explique:

Na sua opinião, Artur decidiu ajudar Isadora só porque a considerava frágil ou admirou a sua coragem e também quis participar da aventura?

Você acha que a sociedade atual ainda acredita que algumas profissões só podem ser exercidas por homens, dada a suposta fragilidade da mulher?

Você acredita que Isadora poderia ter encontrado o pai sem a ajuda de Artur?

O que o cordel *A Pedra do Meio-Dia* trouxe de aprendizado para você?

Você já havia lido cordéis antes? Você gostou da maneira como foi lido e trabalhado o cordel?

Você recomendaria a leitura de cordéis para outros colegas? Por quê?

O que você acha mais interessante na composição dos cordéis?



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Escolha uma ou mais estrofes, copie-a aqui, e a partir dela(s) crie desenhos que a representem utilizando a técnica da isogravura:

IV OFICINA - TOTAL DE AULAS:02

Quarta Oficina: Culminância das atividades realizadas nos quatro encontros

Primeira e segunda aula: Declamação, individual e coletiva, das estrofes do Cordel “A Pedra do Meio-dia”;

No tempo pedagógico correspondente a duas aulas, o professor deve iniciar o momento com a orientação dos alunos para a declamação das estrofes do cordel *A Pedra do Meio-Dia*, focando na melhoria da expressão vocal, no ritmo e na entonação. Encoraje os alunos a se expressarem de forma fluente e envolvente. Para tornar o evento mais dinâmico, utilize uma caixinha de som para dar ênfase à declamação, criando um ambiente mais interativo. Enfatize a importância de se expressar de maneira clara e envolvente, incentivando os alunos a se soltar e a se envolver com o texto de forma criativa. Esta atividade deve ser realizada de forma a permitir que os alunos ao declamarem para o público presente compartilhem a sua interpretação pessoal.

No evento de exposição das isogravuras, cada aluno deverá explicar sua obra, destacando o significado de sua criação e a relação com o texto do cordel. Essa interação entre a literatura e a arte visual fortalece a compreensão dos alunos, que terão a oportunidade de compartilhar suas criações artísticas com a comunidade escolar. A utilização de uma caixinha de som pode ser uma estratégia para dar maior ênfase à declamação, tornando o evento mais dinâmico e interessante para todos os presentes.

O professor prepara o ambiente de forma criativa, decorando-o com elementos que remetam ao universo do Cordel. Pode também providenciar lembrancinhas, como um livrinho de cordel, para tornar o evento mais significativo e imersivo.

Reflexão: Culminância do projeto

A culminância deve criar um ambiente de troca cultural, onde o trabalho dos alunos seja amplamente valorizado. A participação da comunidade escolar é fundamental para fortalecer o engajamento dos estudantes, promovendo o senso de pertencimento e autoestima. Ao expor suas produções artísticas, como as isogravuras, os alunos têm a oportunidade de compartilhar suas criações e aprofundar sua compreensão dos temas trabalhados na oficina. Esse momento de socialização e reconhecimento contribui para o desenvolvimento das habilidades artísticas e cognitivas dos alunos, permitindo que reflitam

sobre o aprendizado de forma mais profunda e pessoal. Além disso, a apresentação das obras e a declamação das estrofes do cordel devem estimular a expressão criativa e a confiança dos alunos, ao mesmo tempo que consolidam a conexão entre literatura e arte visual.

Objetivos da Oficina:

- ✓ Fomentar o interesse pela literatura de cordel; ✓
- Incentivar os discentes a declamarem as estrofes do cordel;
- ✓ Estimular a expressão artística e literária dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana de; CORSO, Angela Maria. A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais. 2015.
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAES, Artur Gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos. In: LEAL, Telma Ferraz;
- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAES, Artur Gomes de. Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- ASSARÉ, Patativa do. Antologia Poética. 5ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- BORBA, Francisco S. (org.). Dicionário UNESP do Português Contemporâneo São Paulo, Editora UNESP, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (Estratégias de ensino, 8).
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Acesso em 24 mar. 2024
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Versão final. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
Disponível em:
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_e](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_e_a_site_110518.pdf) mbaix
a_site_110518.pdf. Acesso em: 20 jun. 2024.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO, Roxane. Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas. São Paulo, Mercado de Letras, 2009. Cap. 3, p.35-49.
- CAVALCANTI, Maria Clara. Formação do leitor: uma questão de jardinagem. Curitiba, Hum Publicações, 2016.
- CAVIGNAC, J. A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral. Natal: EDUFRN, 2006.
- COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2022.
- CUNHA, Conceição Maria da, Introdução de Jovens e adultos no Brasil. In. DI

PIERRO; Maria Clara. A Educação de Jovens e Adultos no Plano Nacional de Educação: Avaliação, desafios e perspectivas. Campinas/SP. Edc. Sec.Campinas,V.3 ,n.112P. 939-959,1999.

DE PIETRI, Émerson. Práticas de leitura e elementos para atuação docente. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 46ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HAURÉLIO, Marco. *Literatura de cordel – do sertão à sala de aula*. Coleção Ler Mais. 168 p. São Paulo: Paulus, 2013.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura: Teoria e Prática. Campinas SP, Pontes, 2022.

KLEIMAN, Ângela B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. – Campinas – SP: mercado de Letras, 1995.

LE MOS, Cláudia T. G. de. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, Roxane. Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas. São Paulo, Mercado de Letras, 2009. Cap. 1, p. 8-18.

LIMA, Joseane Arruda. A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL: uma proposta para a sala de aula. Paraíba, 2020.

LOPES, José de Ribamar (org.). Literatura de Cordel. Antologia. 3º. Ed. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1994

LUCIANO, Aderaldo. Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro. São Paulo: Editora Luzeiro, 2012.

MARTINS, Maria Helena: O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 2007.

RIBEIRO, Vera Masagão. Educação de Jovens e Adultos: Novos Leitores e Novas Leituras. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. O cordel no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA, Renata Junqueira, *et al.*, Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

SOUZA, Renata J. de; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. São Paulo: UNESP, 2011.

STREET, Brian. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação/ Brian V. Street; tradução Marcos Bagno. -1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Sugestões de pesquisa

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo, Ática, 2008.

LEITE, Sandra Fernandes. O direito à educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal. 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

OLIVEIRA, Kelly Carvalho de. O cordel em sala de aula: sugestões didático- pedagógicas para uso da literatura popular visando o incremento da leitura. 1. ed. Curitiba: Appris, 2023.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina M. Cordel na sala de aula. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PINHEIRO, H. Poesia na sala de aula. Campina Grande: Bagagem, 2007.

RIBEIRO V. M.(org.). Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas: ALB/Mercado das Letras, 2001.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. Experiências de leitura no contexto escolar. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coord.). Literatura: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Cap. 1, p. 23-40.

SILVA, Vanessa Souza da. Letramento e Ensino de Gêneros. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, mar/ago. 2011.

SILVA, Elizabeth Maria da; ARAUJO. Denise Lino de. Letramento: um fenômeno plural. Rev. Bras. Linguíst. Apl. [online] v. 12, n. 4. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/101590/51984->. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Camila Maria de Menezes. Da leitura à escrita: o gênero crônica na perspectiva do letramento literário na EJA. 2023. 111 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras - PROFLETRAS) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2023. TAVARES, Braulio. A pedra do Meio-dia. São Paulo, SP: Editora Fraciosi & Malta, 2022.

TERRA, Ruth Brito Lemos. Memórias de lutas: literatura de folheto do Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global, 1983.

VIANA, Arievaldo. Acorda Cordel em sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

VIANA, Carolina Assis Dias *et al.*, Do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor. In.

KLEIMAN, A.; ASSIS, J. A. (Org.). Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.